

**MANUEL LOBATO**



**O VALLE DO AMAZONAS**

**E O**

**PROBLEMA DA BORRACHA**

---

**NEW YORK**

**1912**



*Dr. Elzeu Piracyllato*

O valle do Amazonas

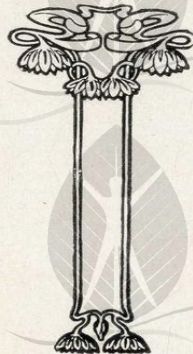
e o

Problema da borracha

por

MANUEL LOBATO

*MANO YRABANGA MONTEIRO  
ADVOCADO*



NEW YORK

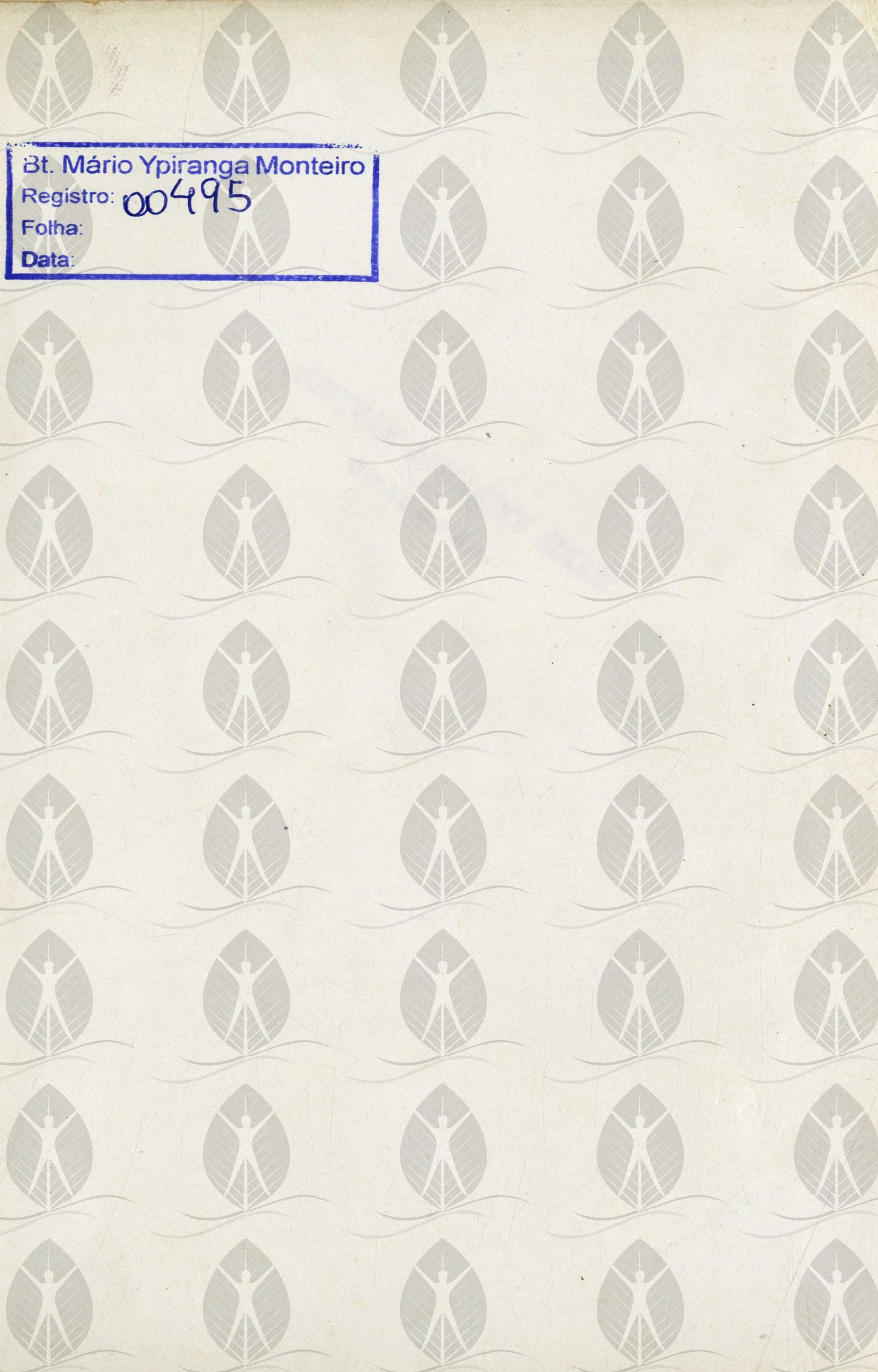
1912

Bt. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: 00495

Folha:

Data:





AO EXMO, SENR, CORONEL

ANTONIO C. RIBEIRO BITTENCOURT

D, GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS.

HOMENAGEM DO AUCTOR





## Breve Explicação.

No presente agitado em que vivemos, não ha tempo para demoradas consultas retrospectivas. Vae-se já distanciando a éra que Carlyle, naquella sisuda maneira inglesa, dizia comprazer-se na contemplação do passado (1). Hoje, os assumptos de mais palpitante interesse são os que se não deixaram ainda envolver pelo veu escuro da noite.

As impressões são rápidas. Não são duradouras as sensações. A nossa rede nervosa, vibrando a toda hora, sob a acção imperiosa de novas causas, distende-se, relaxa-se e por fim desconhece a origem remota do abalo, para precisar apenas seu ultimo factor.

Assim, os livros de pesada contextura, parecendo exhalar a lentescente humidade de excavações historicas, enxertados de retorcidos periodos eruditamente transplantados de alfarrabios preciosos, vão, de dia para

(1) Our Age is retrospective—Carlyle—*Past and Present*.

dia, rareando, com o fim humano de arejar o espirito francamente mais ligeiro do que futil do pensador moderno...

Não deve, porém, uma obra, por menos computavel em merito que ella seja, esquecer inteiramente o passado, destinando-se ao estudo das condições actuaes e do futuro de uma região cujo valor augmenta todos os dias, como o da Amazonia, e, em particular, do Estado do Amazonas. Transmitta-se-o, embora, em curtos periodos, em rápidas noções; mas algo é necessario que se accentúe do inestimavel trabalho de antanho.

As estatuas offerecem aqui um bom *simile*: As de nosso tempo, como as de outr'ora, firmam o pedestal grandioso em feitos realizados. Comtudo, os relevos que ahi se encontram, destacam os pontos culminantes da acção individual, ou da communhão servida pelo individuo.

Isto, é, de alguma forma, um modesto monumento consagrado por humilde jornalista á prosperidade de sua terra.

Natural, pois, que siga o exemplo dos outros monumentos...

NEW-YORK, Agosto, 1912.

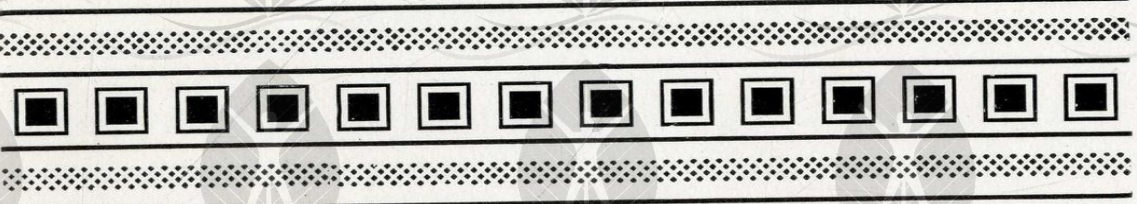




I

**Um paiz maravilhoso.—No mundo da  
magia.—Rio de Janeiro.—Belem do  
Pará.—Manãos.—Communicações.  
—Navegação.—Meios de transporte.  
—A estrada de ferro Madeira-  
Mamoré.**





I

**Um paiz maravilhoso.— No mundo da magia.— Rio de Janeiro.— Belem de Pará.— Manáos.— Comunicações.— Navegação.— Meios de transporte.— A estrada de ferro Madeira-Mamoré.**

A immortal criação de Washington Irving para illustrar o prodigioso adeantamento de sua terra, o rápido progresso que ella obteve em poucos annos, pode ser com vantagem por nós adoptado. Rip Van Winkle, o heroe da citada ficção, atravessou alguns lustros entregue a um somno profundo e quando um dia acordou, tantas eram as transformações, que o sitio perdera por completo a conhecida feição de antes. As pessoas queridas haviam desaparecido e eram novos os rostos que lhe surgiam á vista mystificada.

Certamente sem necessidade de um somno tão prolongado, de olhos abertos mesmo, pode o observador encontrar, no Brasil, exemplo incontestado de maravilhoso crescer assim. E' o Rio de Janeiro uma cidade absolutamente reconstruida, transformada de *fond en comble*, no insignificante periodo de quatro annos.

As suas largas avenidas, o elegante asseio de suas ruas, a linha graciosa de suas construcções artisticas tornam-na uma capital na altura de disputar primasias entre as bellas cidades mundiaes.

O *touriste* inteligente, já é attrahido sem esforço pela noticia de seus encantos e deixa-a com a impressão duradoura e lisonjeira de se haver encontrado num centro regido pelas leis da grande civilisação européa. Porque, ainda querendo de perto seguir a linha geral do egoistico pensamento do teuto-saxão, não se pode deixar de reconhecer que a grande força da civilisação européa é representada pela raça latina. As outras debatem-se contra esse imperio até um certo ponto, e como raças fortes, procuram conservar seus caracteristicos diferenciadores. Mas recusando o auxilio directo, tomam emprestadas maneiras e idéas que a nós acodem espontaneamente, e a elles só por estudado gesto...

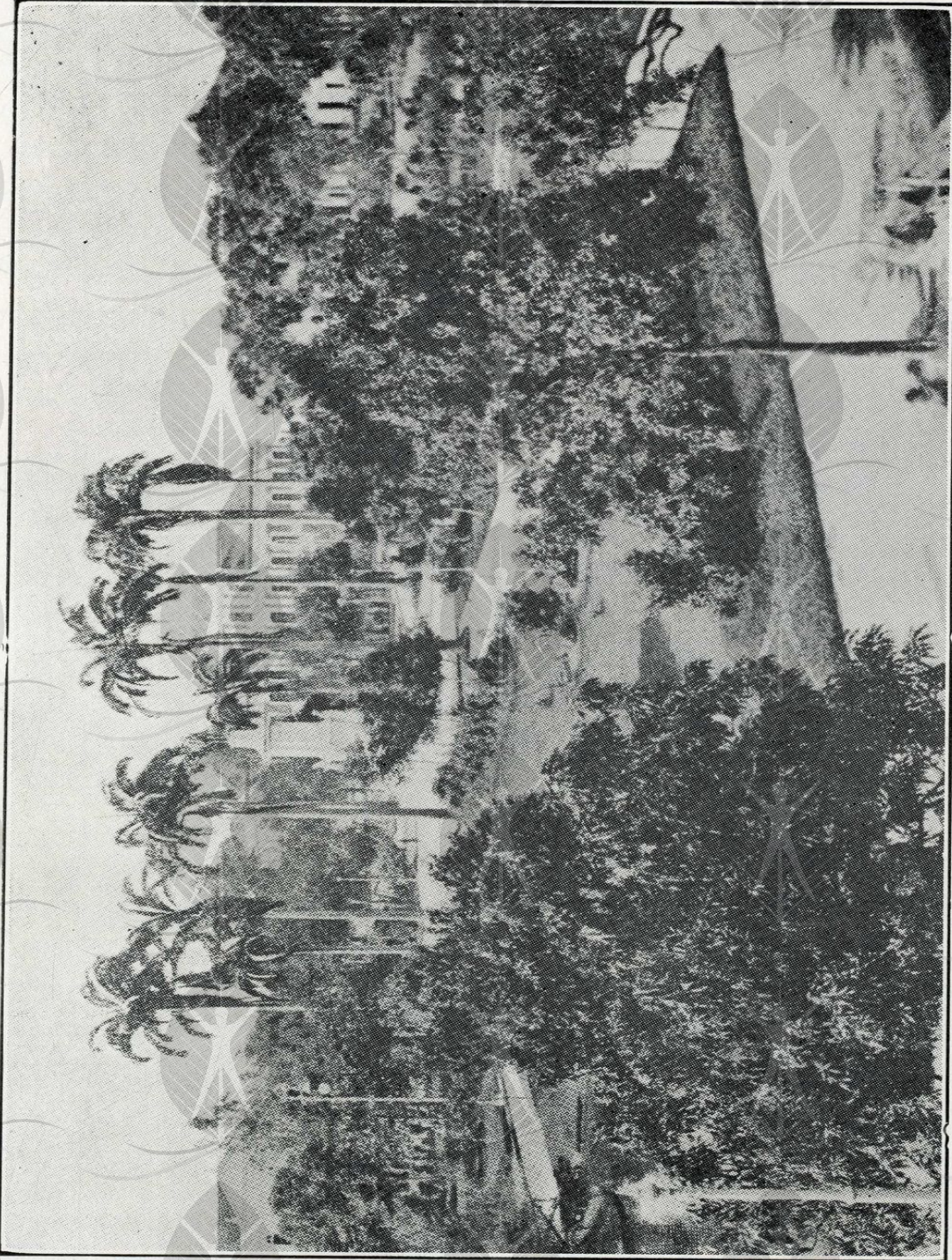
O Rio é, pois, sem duvida alguma, uma cidade latina e é um meio superiormente civilisado. Mas não queremos esse exemplo: E' a capital da Republica Brasileira e nada mais justo que por essa forma seja olhada pelo governo central. Não procuremos tambem o exemplo de uma cidade, como a de S. Paulo, ou de outra qualquer do grande Estado productor de café.

Interne-se o viajor pelo Extremo Norte surpreendente. E' Belem do Pará primeiramente, recostada graciosamente á margem da bahia de Guajará.

Que era essa cidade alguns annos atraz, com a sua monotona fila de trapiches anti-estheticos, a esconderem mal umas casinhas desgraciosas de velha construcção rebarbativa? Apenas o cinzeiro magico de onde havia de ir surgindo a capital elegante que o Pará hoje possue.

Verdade seja que, ao lado de traçados architectonicos do mais apurado gosto, desarticulam-se macabras creações de uma arte tão recuada que já se lhe perdeu, com a idade, a propria classificacão. Mas isso tende a desaparecer por completo, tanto mais que o paraense destes dias não faz somente por ir dar ao estrangeiro a

O PROBLEMA DA BORRACHA



Um parque de Belém do Pará.

## O PROBLEMA DA BORRACHA

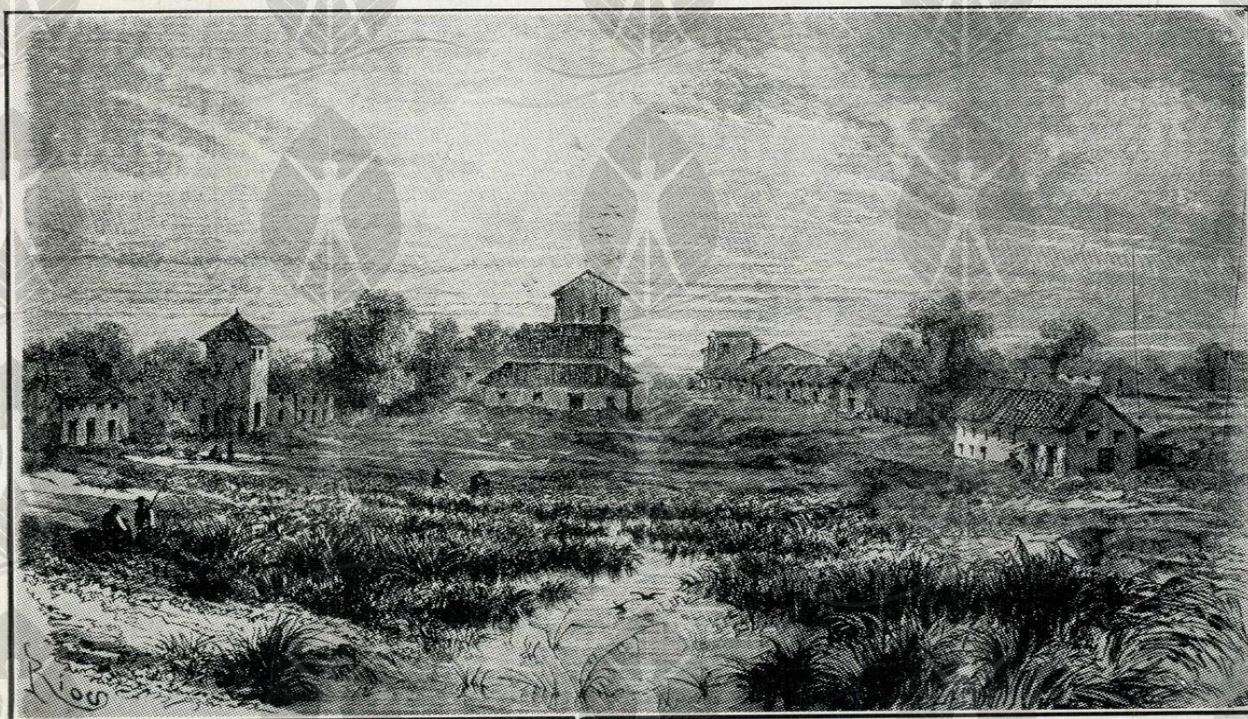
fortuna que accumulou em sua terra natal... Applica-a em edificios que a possam recommendar aos olhos do visitante curioso.

D'ahi as residencias confortaveis que se erguem graciosas nas principaes ruas.

Não era de esperar coisa diversa, quando Belem pode apresentar excellentes parques, jardins primorosos e um ar todo juvenil de um grande centro progressista.

Mas, deixando de parte a promissora Belem, e singrando as aguas barrentas do caudaloso Amazonas, onde mal se poderia conceber a idéa de um futuroso aggregado social, offerecemos nós o exemplo de um vertiginoso progredir.

Não se faz mister remontar a muitos annos para conhecer do estupendo progresso feito pela capital do Estado do Amazonas.



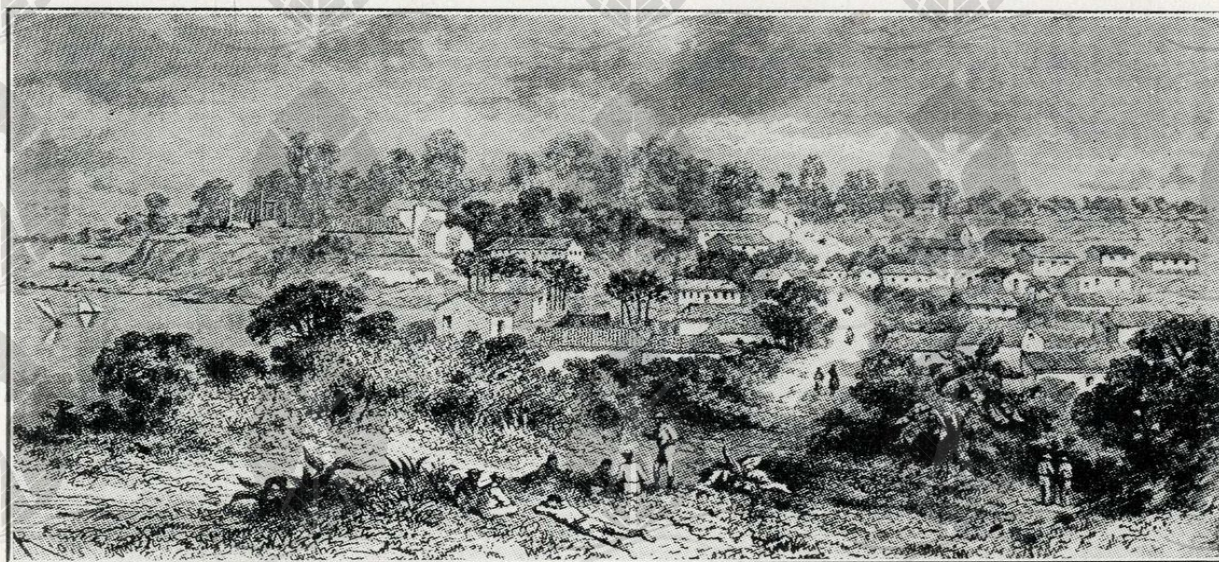
Cidade da Barra, 1848-1860

Trecho para

Parape da  
Bibeira

Recorra-se às impressões recebidas pelo francez Paul Marcoy (1) em sua viagem a essas terras, de 1848 a 1860.

Percebe-se da leitura que, ao tempo, era discutida a posição geographica da então Cidade da Barra, ao que parece mal acceita por algum espirito lúcido da epoca. Percebe-se bem porque o escriptor francez faz resaltar superioridades no local escolhido, condemnando a idéa opposta a essa de collocar a cidade na confluencia do Rio Negro com o Solimões, “por se não prestar para ancoradouro.”



Cidade da Barra, 1848-1860

*Vista da Colina dos Remédios*

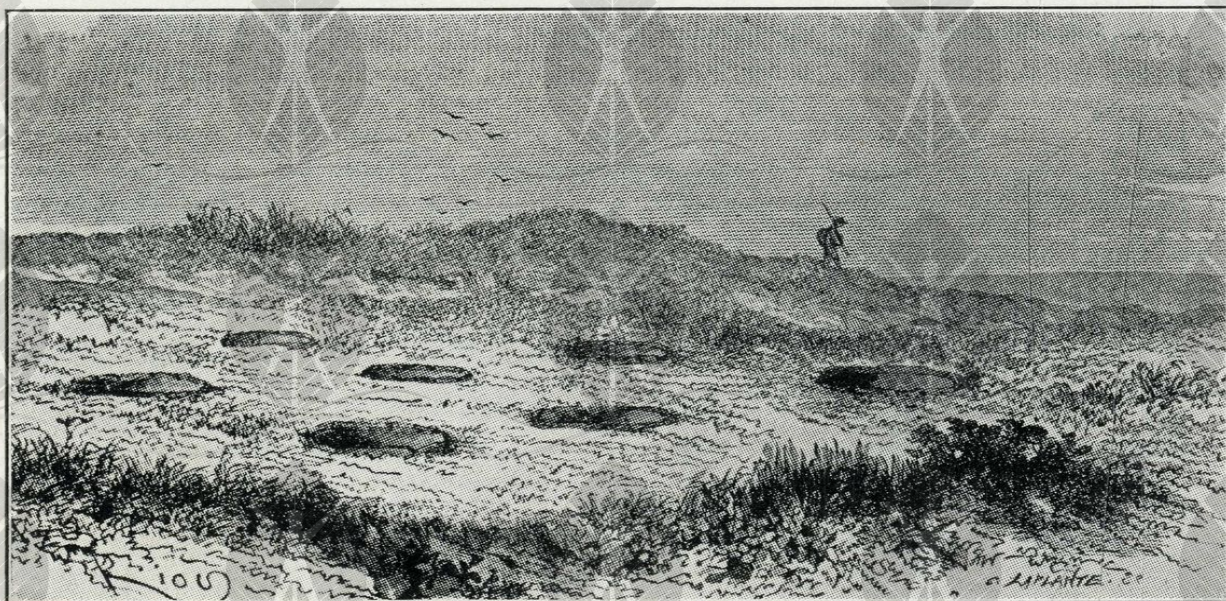
Não deixava transparecer a idéa senão de uma fazenda capaz de ser habitada durante algum tempo. Tudo nativo naquelle porto, onde os peixes podiam gozar de imperturbavel tranquillidade, horas a fio.

(1) *Voyage a travers l'Amérique du Sud de l'Océan Pacifique à l'Océan Atlantique* par Paul Marcoy.

E entrando mais, em busca de uma eminencia, não havia espaço occupado por habitação humana, naquelle ponto, que não pudesse ser abrangido num só lance de vista. Havia graça, havia um certo conjuncto agradável no aspecto da Manáos primitiva desses tempos, mas não era de molde a provocar a visita de quem viaja por prazer ou com o interesse de distrahir o espirito.

Talvez para o temperamento doentio de algum bardo infeliz offercesse encantos.

Era triste, era solitario o logarejo e ainda nos primeiros dias de vida já se podia gabar da presença de duas preciosidades igualmente monotonas: um cemiterio de indios, que certamente não traria distinctivo algum

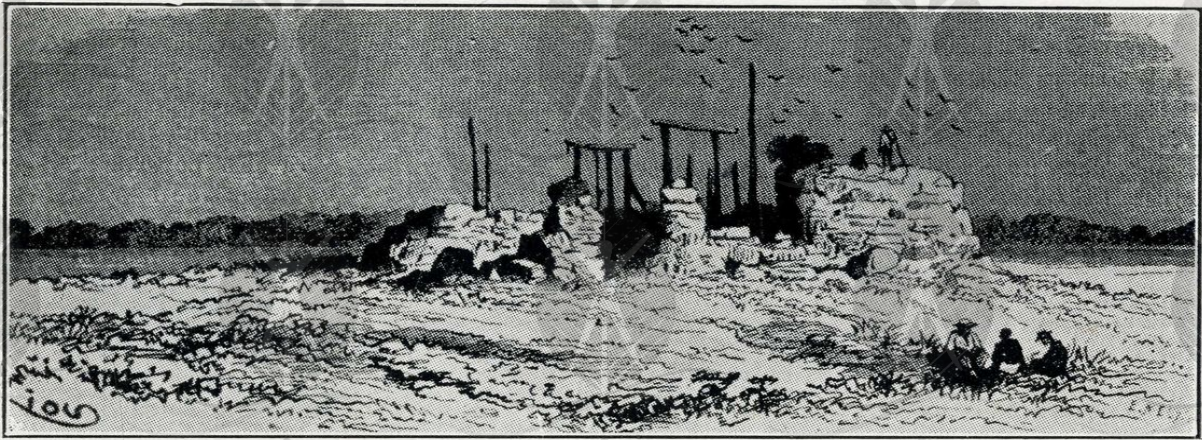


Cidade da Barra, 1848-1860

digno de nota, nem inscripção significativa capaz de produzir doces emoções evocadoras; e as ruínas da fortaleza da Barra do Rio Negro.

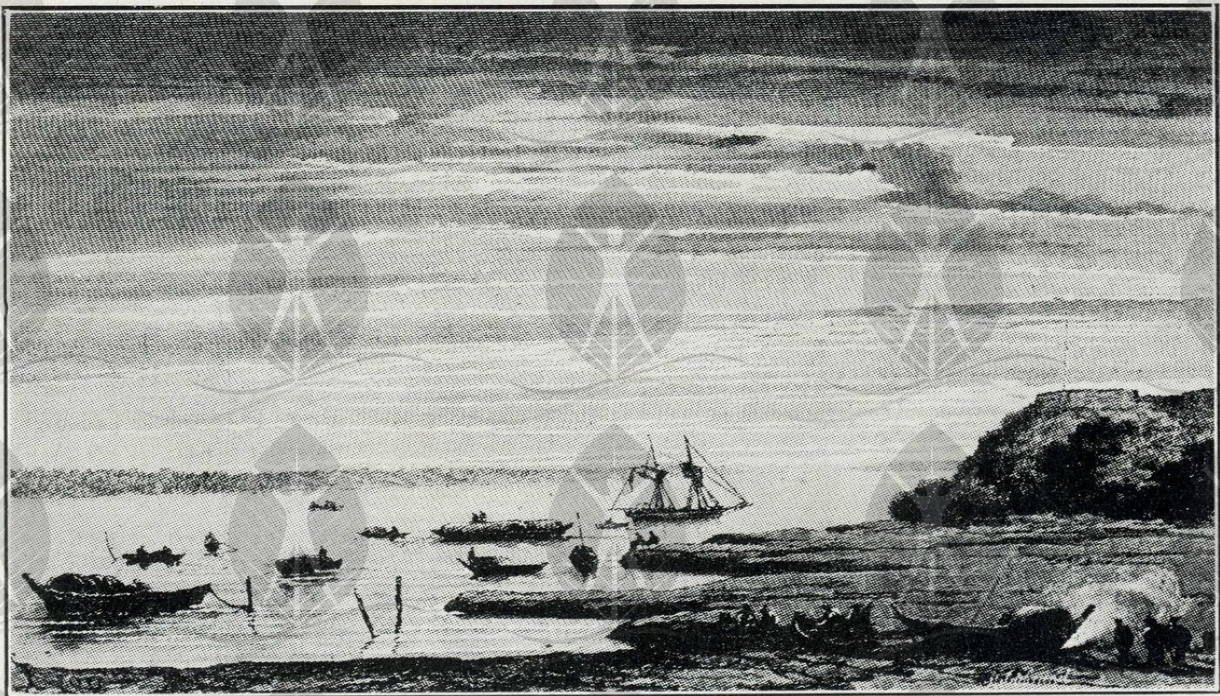


## O PROBLEMA DA BORRACHA



**Cidade da Barra, 1848-1860**

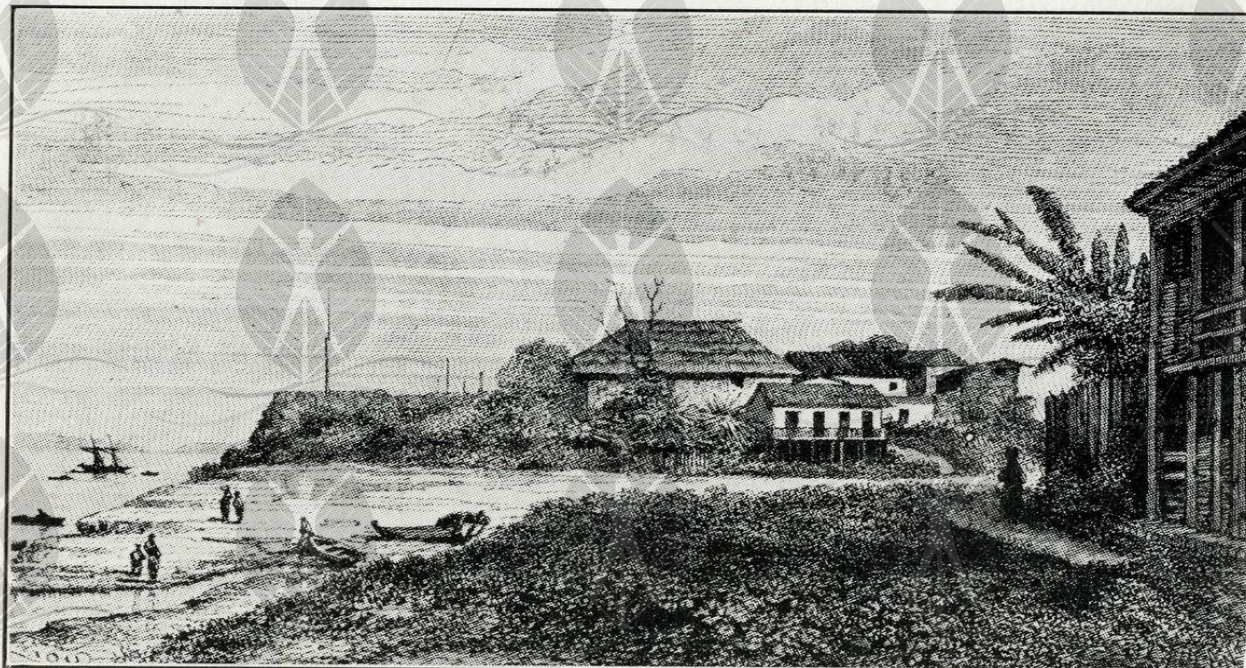
Não se faz mister remontar a esse tempo, porque o Sr. e a Sra. Agassiz quando a visitaram, em 1865-1866, não encontraram Manãos com as apparencias risonhas descriptas por Marcoy.



**Manãos, 1865-1866**

Era mais limpo o porto, menos commodo ao socego dos seres aquaticos,

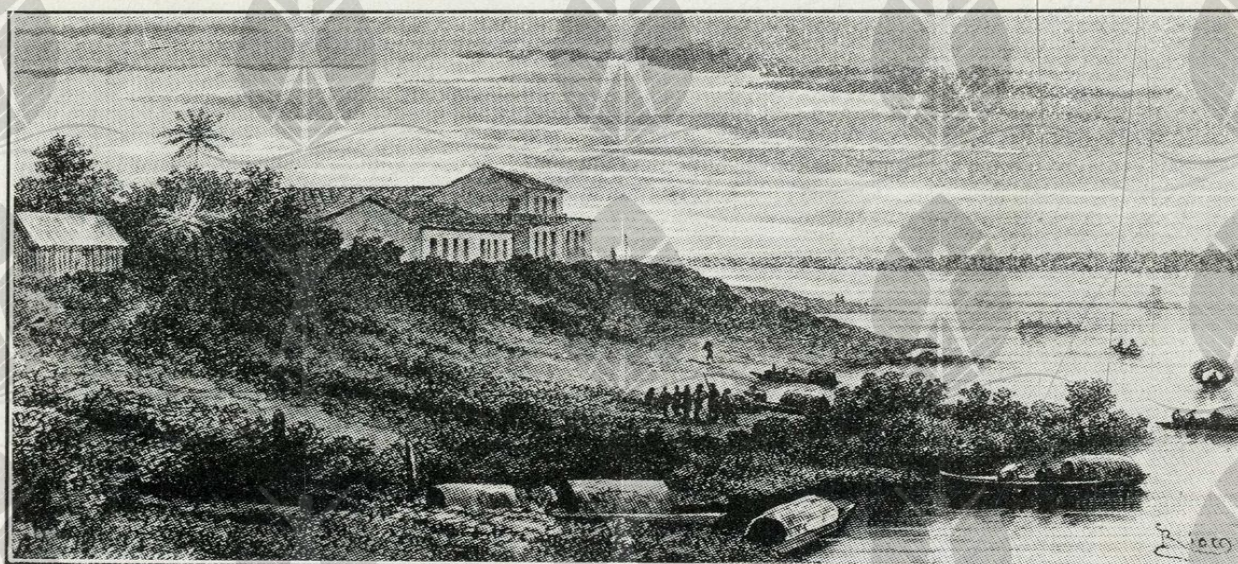
O PROBLEMA DA BORRACHA



Manáos, 1865-1866

*Fortaleza*

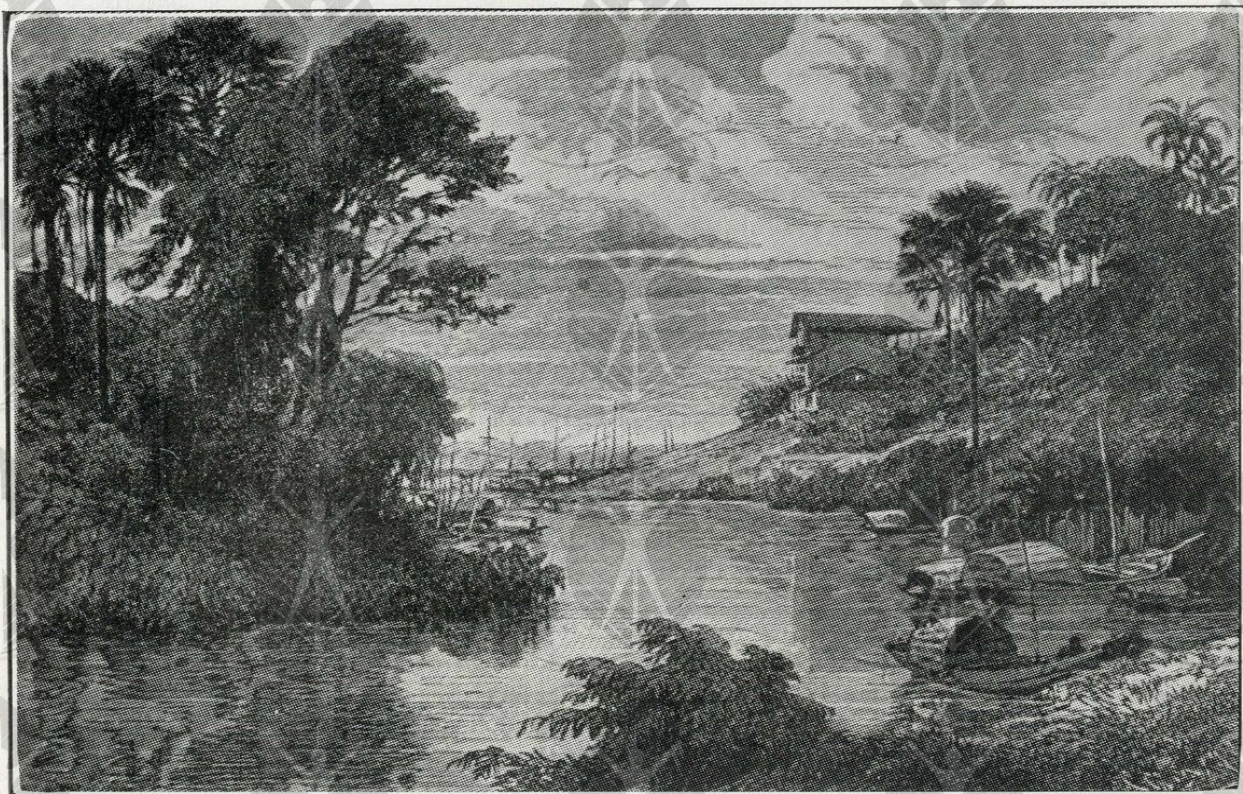
mas, em compensação, já as habitações ameaçavam ruína. O Sr. Agassiz começa mesmo sua descrição, accentuando o ar risível dessa povoação em sua *Voyage au Brésil*.



Manáos, 1865-1866

Não se pode suspeitar de exaggerada essa asserção, primeiro porque o autor em uma carta a Pimenta Bueno assim se expressava: "Não conheço paiz no mundo mais rico, mais cheio de attractivos, mais fertil, mais salubre e mais proprio para vir a ser o fôco de uma numerosa população do que este magnifico valle do Amazonas," e depois porque na narrativa de sua viagem é repetida essa apologia.

Alem d'isso, em 1867, isto é, um anno depois, Franz Keller Leuzinger, engenheiro allemão incumbido pelo governo imperial de explorar o Amazonas e rio Madeira e de estudar um traçado de estrada de ferro que facilitasse o transporte nessa região prejudicada pelas cachoeiras, confirmava taes dizeres.

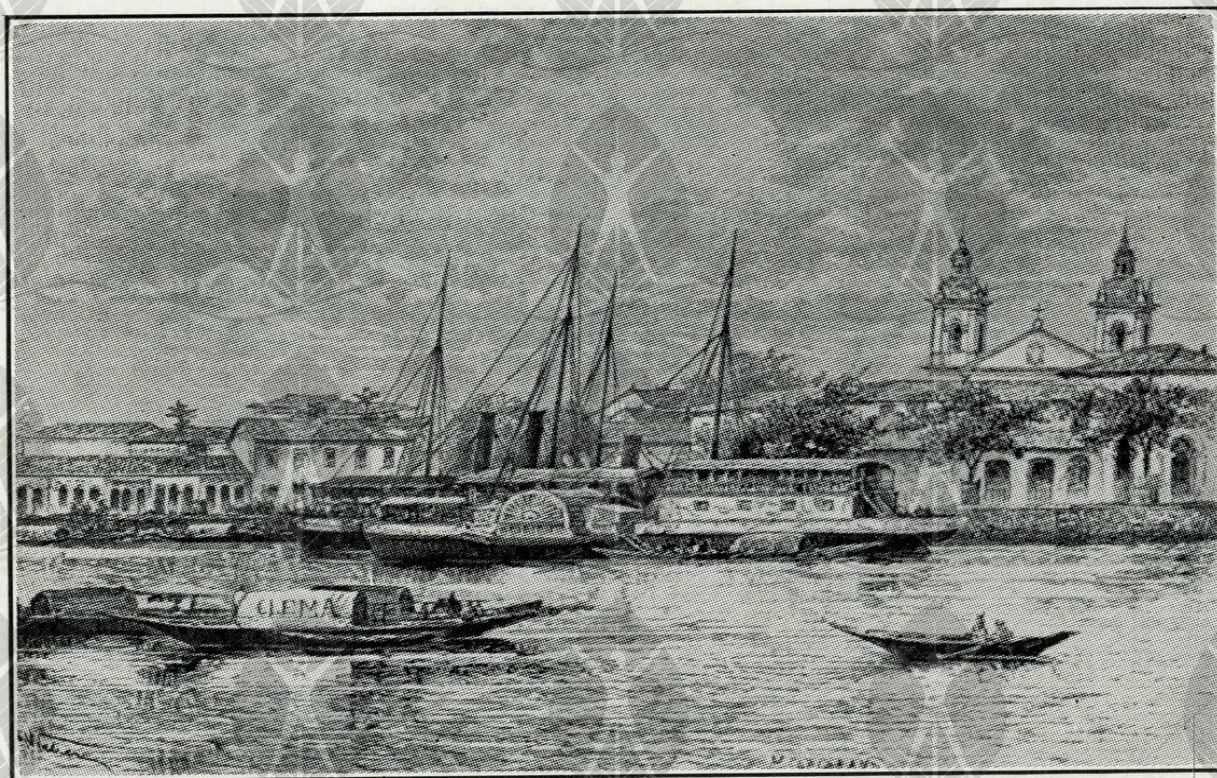


Manãos, 1867

*Juarapé do Espírito Santo*

## O PROBLEMA DA BORRACHA

Assim sendo, bastaria percorrer as paginas escriptas pelo Sr. Charles Wiener depois de sua viagem ás plagas amazonicas, 1879-1882, para ter a certeza de que o progresso de Manáos não data de trinta annos: é da Republica para cá.

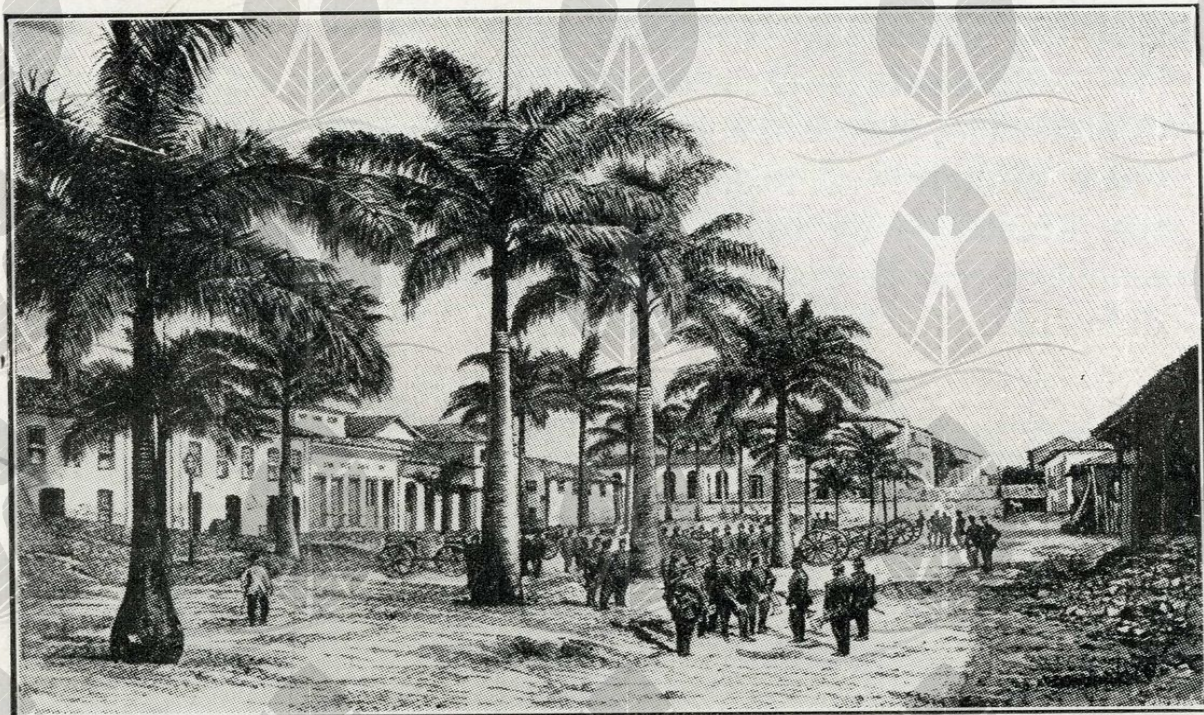


Manáos, 1879-1882

*Ports*

A essa data o porto já apresentava mais movimento, embora longe de garantir seguro desembarque a quem o procurasse. Resumava de todo elle um ar todo primitivo, muito primitivo mesmo.

Vencendo essa primeira impressão, adeantando alguns passos, a primeira rua não era melhor do que a de uma villa. Ainda não dava a idéa de que por ali houvesse já o interesse de calçal-a.



Manaos, 1879-1882

*Praca da Imperatriz*

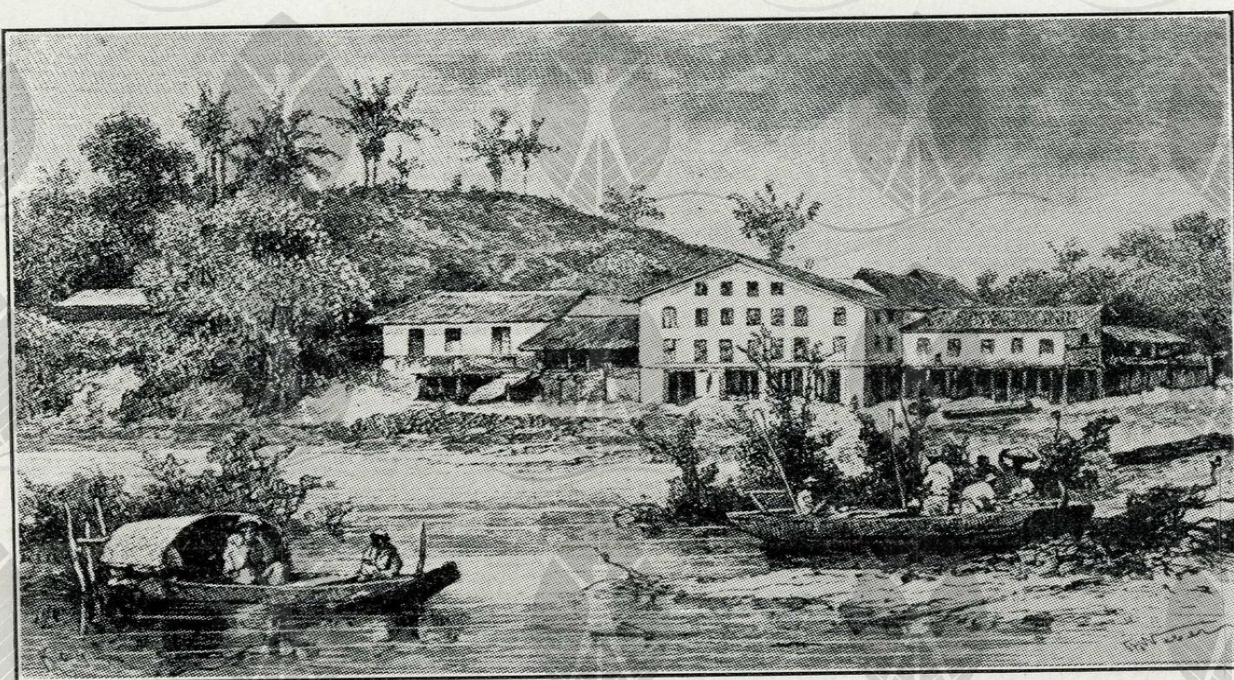
Depois de 1889 para cá, porém, o movimento foi assombroso. O desenvolvimento de Manaus se manifesta todos os dias, como numa transformação de magica. As casas multiplicam-se. A população avoluma-se. E procura-se desde agora offerecer-lhe os confortos que outras cidades só em pleno amadurecimento possuem.

Para se poder avaliar até onde vae o movimento do porto de Manaus, basta recorrer á estatistica do anno de 1911. Aportaram ali 14,187 estrangeiros e 33,087 brasileiros, ou seja o total de 47,274. Deste ficaram na capital do Amazonas 10,649 pessoas, das quaes 1,640 estrangeiras.

Desde as obras do porto, até as ruas principais todas calçadas; desde as casas de moradia com todas as garantias de segurança e conforto, até os vistosos edificios pu-

blicos, tudo indica a existencia de uma cidade moderna, asseada, habitavel.

A fama de doentia que lhe desejam dar, não é justa. O obituario, mesmo accusando o descenso de desprezados pioneiros atirados á conquista de logares inhospitos, afastados de todos os confortos necessarios á existencia, e que lá aportam, não accusa mortalidade desmedida, para tornal-a assustadora.

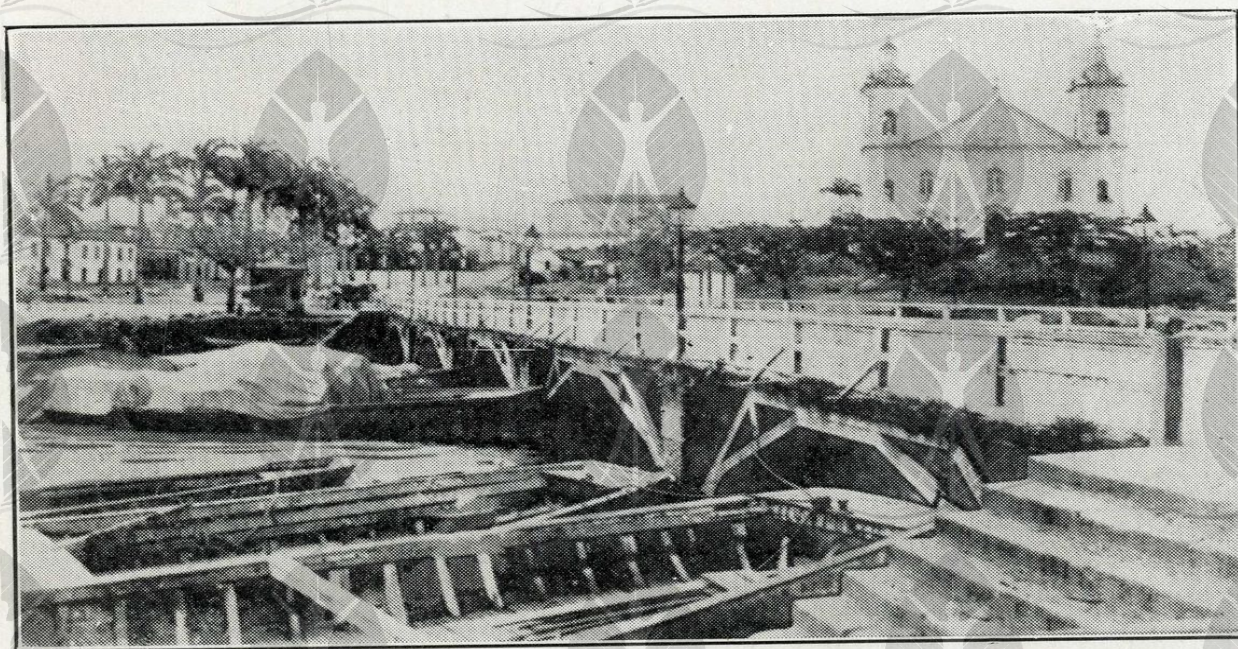


Manáos, 1879-1882

E no que diz respeito á febre amarella, tomo ao livro *The Rubber Country of the Amazon* do Sr. Henry C. Pearson as seguintes observações, que me parecem dignas de acolhimento:

“No dia de minha chegada (ao Pará) um medico portuguez, que era um amigo meu feito ainda no Rio, visitou-me e deixou-me uns pós com recommendação para “tomar um papelinho todas as manhãs,” que eu não

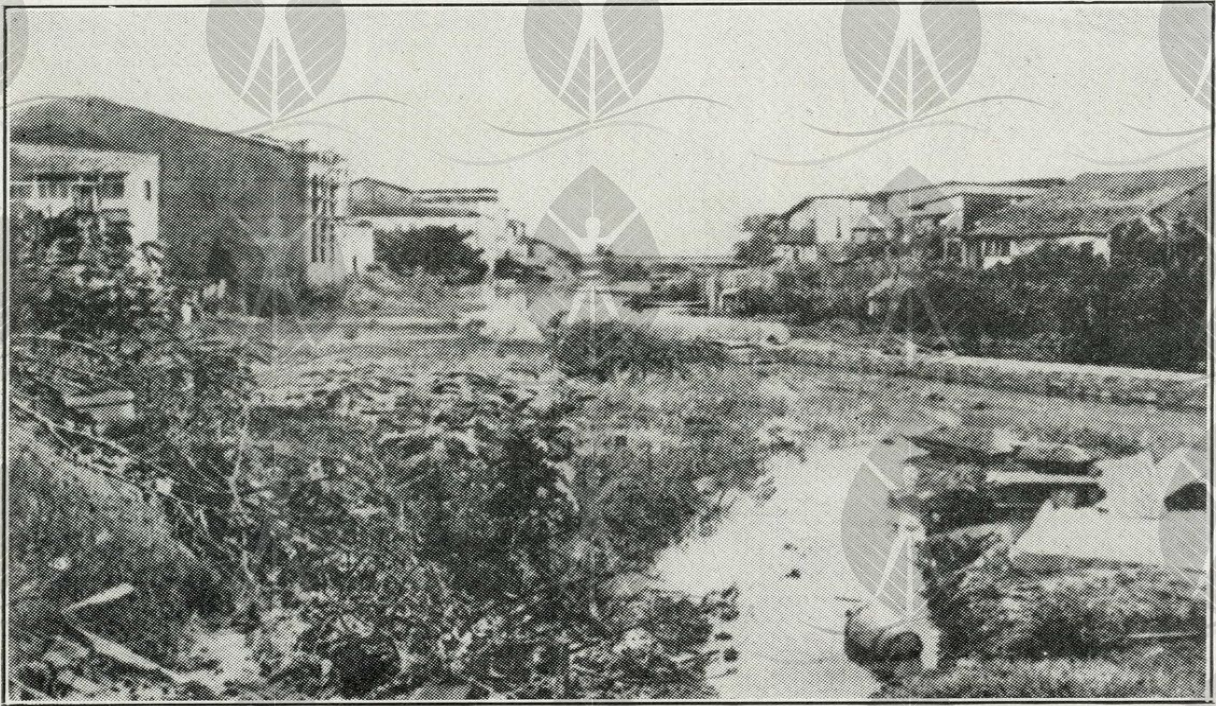
teria febre amarella. O remedio era bom. Tomei tres dias, e escapei; a esse tempo, porém, alguém furtou a caixa e eu não pude levar mais longe a experiencia. Falando de febre amarella, seria tolice não tomar certas precauções. Mas é ponto de crença para mim que a pneumonia do nosso clima do norte é muito mais facil de apañhar e da mesma forma fatal.”



Igarapé do Espírito Santo hoje Avenida Eduardo Ribeiro.

Apezar de tudo não foi descuidada sua prophylaxia: o illustre governador, coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt mandou fornecer á Repartição do Serviço Sanitario os instrumentos e materiaes necessarios a um activo combate ao *stegomya fasciata* e aos outros mosquitos transmissores de febres. E está formada a brigada de *mata-mosquitos*, nos moldes indicados pelo Dr. Ross e outros grandes scientists, na execução da obra humana do saneamento de Manáos

E como esse saneamento não se fazia possível sem uma rede de exgottos, esta anda em construcção adeantada. Mas, examinando com cuidado os avanços da capital amazonense, não devo ahi concentrar todo o esplendor do Estado que conta maior area no Brasil. E' certo que ella hoje é de molde a envaidecer seus filhos, mas não deve ser o unico motivo de orgulho. O seu convivio com o mundo exterior por meio de grandes transatlanticos, do cabo subfluvial e do telegrapho sem fios, não são os progressos todos que o Amazonas apresenta.



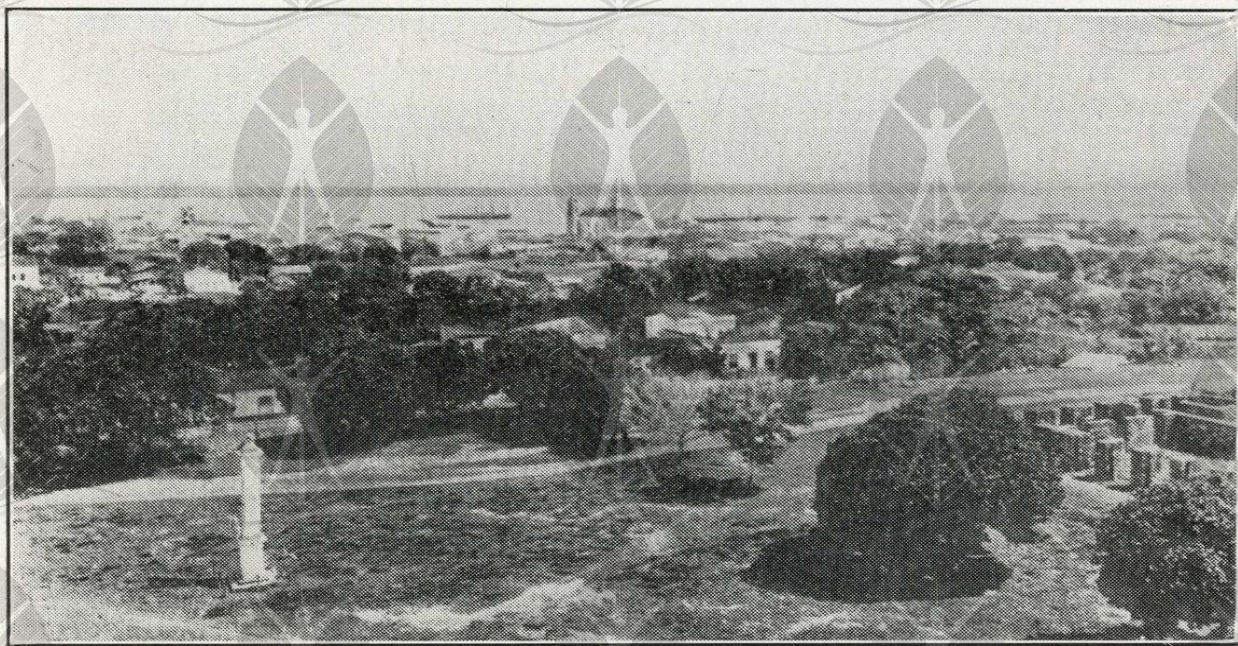
**Outra vista do Igarapé do Espirito Santo hoje Avenida Eduardo Ribeiro,**

A navegação para o interior, ha melhorado muito, de alguns annos a esta parte. Os antigos *gaiolas*, morosos, sem commodos e sem hygiene, vão cedendo logar a vapores bem construidos, fartamente illuminados e servidos de aparelhos para a fabricação de gelo. As lon-



gas viagens intermináveis, vão se tornando menos monotonas e mais interessantes ao viajante.

Ha pontos, contudo, que não podem ser beneficiados por esse melhoramento. Ora não o permitem a escasez das aguas, ora o acesso nesses rios não dará para os gastos da viagem. Ahi não desapareceram os velhos moldes de embarcações.



Manaus, 1893

Balsas mais ou menos como as dos indios Paumarys, nas cabeceiras do Purús (1), durante as cheias do rio, ainda hoje singram aguas desse e de outros afluentes do Amazonas, em tempos em que a navegação a vapor se torna impossivel.

“A construcção d’ellas consiste na reunião de grandes troncos em um sentido, e na de outros superiores perpendicularmente a elles, e esse todo é atracado com cipós.

(1) *Ensaio sobre as Construcções Navaes Indigenas do Brasil*—por Antonio Alves Camara.

Ellas não usam velas, só são impellidas por varas. São feitas, segundo Rodrigues Ferreira, de aninga ou ambauba, de mututy, molongô, seringueiras, ucuuba, summauma e outros.

Devem ser usadas em outros pontos de nosso paiz.

Paul Marcoy, em sua viagem de Tabatinga a Belém conta que na despedida da cidade da Barra do Rio Negro, hoje Manaos, alguns negociantes vieram trazel-o a bordo da embarção, que o tinha de transportar ao Pará, em uma *jangada* enfeitada de folhagem. Da fórma por que são formadas estas jangadas encontram-se em diversos rios do Brasil, e até em alguns portos as *balsas de madeira*, movidas a vara, ou pela correnteza dos rios, e sempre a favor d'ella. E' um meio commodo de transporte de madeira e de carga" (1)

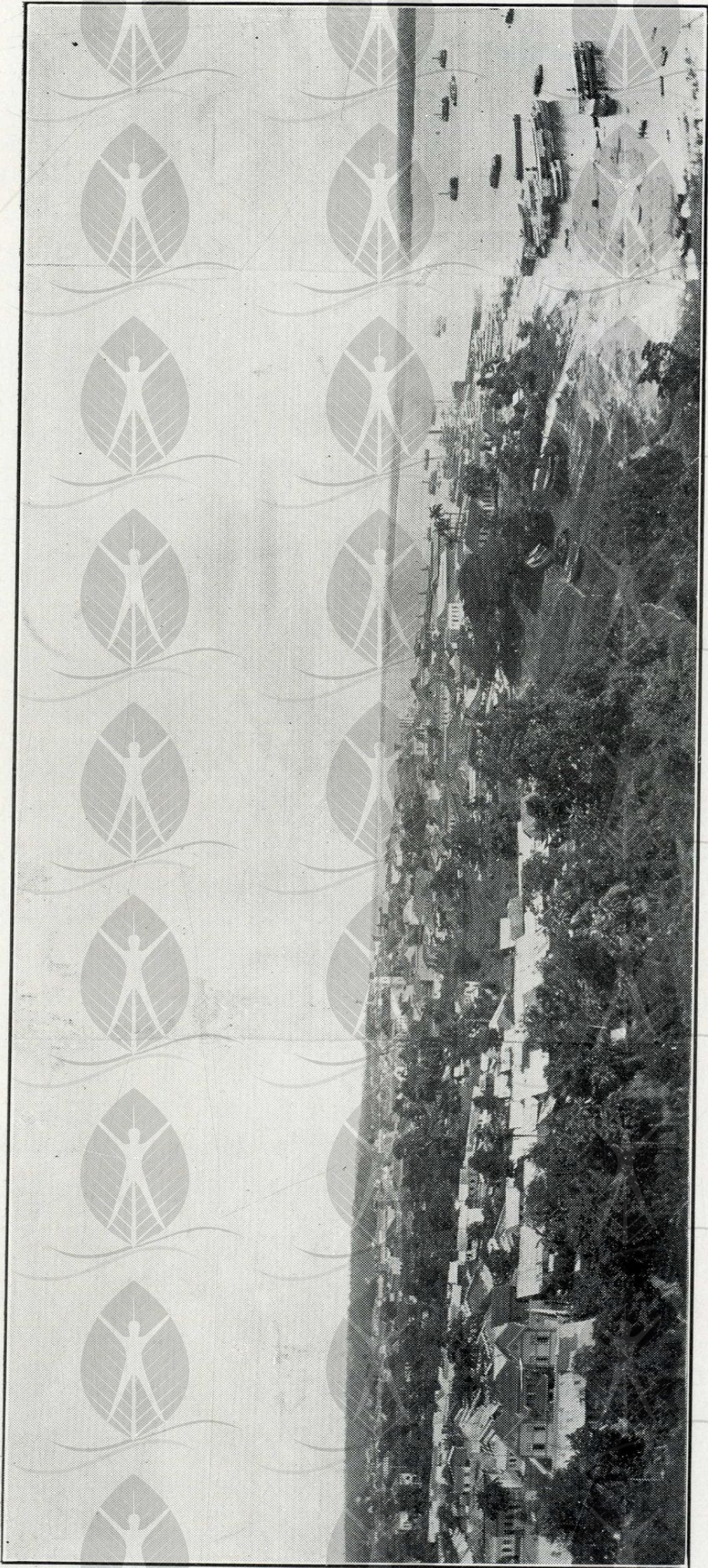
Continuam tambem em uso, como meios de transporte, os varios typos de canoas. Não desapareceram por completo o velho typo das *ubás* indigenas, e as montarias, igarités e canôas de tolda cortam as aguas amazonenses em todas as direcções, trafegando entre os centros afastados e os portos visitados pelos *gaiolas*.

Dir-se-á que é primitivo tudo isso. Mas á falta de estradas de ferro, onde ellas possam ser construidas sem extraordinarios gastos, essas embarcações se tornam indispensaveis e prestam inestimaveis serviços

Foi para evitar o transtorno de peregrinação tão lenta quanto arriscada que se pensou na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Região riquissima, mas cortada de cachoeiras, desde os tempos já um tanto recuados da monarchia que se cogitou em servil-a por viação ferrea.

A viagem que em 1867 fez o engenheiro allemão Franz Keller Leuzinger foi nesse proposito. Não conseguiu comtudo o projecto desvencilhar-se da boa von-

(1) Antonio Alves Camara—Obr cit.



Porto de Manáós

tade manifestada em palavras, pois só muito mais tarde é que se realizou o plano.

Realizou sim, porque a esta hora, o silvo agudo das locomotivas deve já cortar o seio daquellas florestas longinquas, levando até ali a idéa da agitação que vae pelo mundo e a vertigem da velocidade que impulsiona e sacode os povos numa grande ansia de espaço para a realização de utopias arrojadas, impossiveis vagos, que o sonhador idealisa e o engenho humano transforma e executa, modela e concretisa, com a facilidade de um esculptor perito cinzelando primores na disformidade de um mármore bruto.

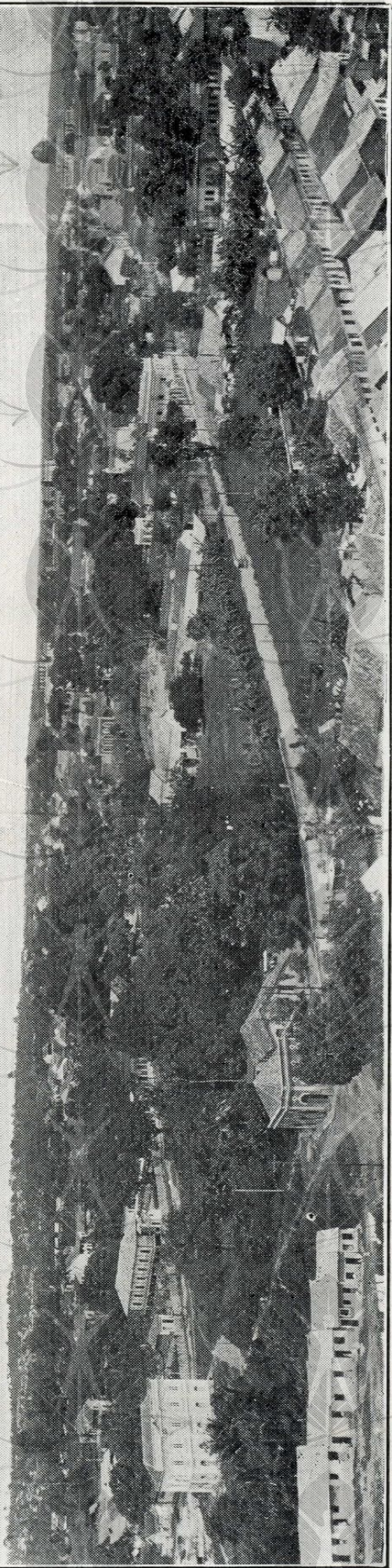
E' colossal a obra emprehendida e representa uma immensa fortuna. Atravessando regiões inhospitas e não sendo possivel levar a todos os animos a noção do cuidado que é necessario para preservar o corpo do ataque de doenças, muitas fôram as victimas consumidas naquella conquista. Eram os primeiros bandeirantes, inconscientes talvez da jornada, tanto se achavam absorvidos pelos encantos da fortuna, que raramente se deixaram preoccupar da impiedosa ceifeira de vidas. Vencidas as maiores difficuldades, depois de um longo trabalho, foram modificadas as condições de vida e hoje o meio de transporte é presto, num logar onde elle não era possivel senão em mezes.

Podemos additar mais essa etapa ao progresso do Amazonas. Tão grande é o passo dado, que representa um avanço de mais de 20 annos na vida economica do Estado, que vae ver florescerem rapidamente as localidades que medeiam entre Porto Velho e Itacoatiara.

E eu digo somente 20 annos de avanço, porque, no Brasil, com a rapidez que vamos crescendo, com o entusiasmo que vamos subindo, não precisamos de mais para obter o successo de um seculo!

Manaus em 1910

Indústria há na a direita as bordas  
Palácio Antônio Correia  
Teatro



Vista geral de Manaus

↑ Rua da Indústria

↑ Praça de Bulhões  
↑ Praça de Bulhões

↑ Marquês de Caxambu

↑ Baixo Tommelho  
↑ Palácio do Comércio

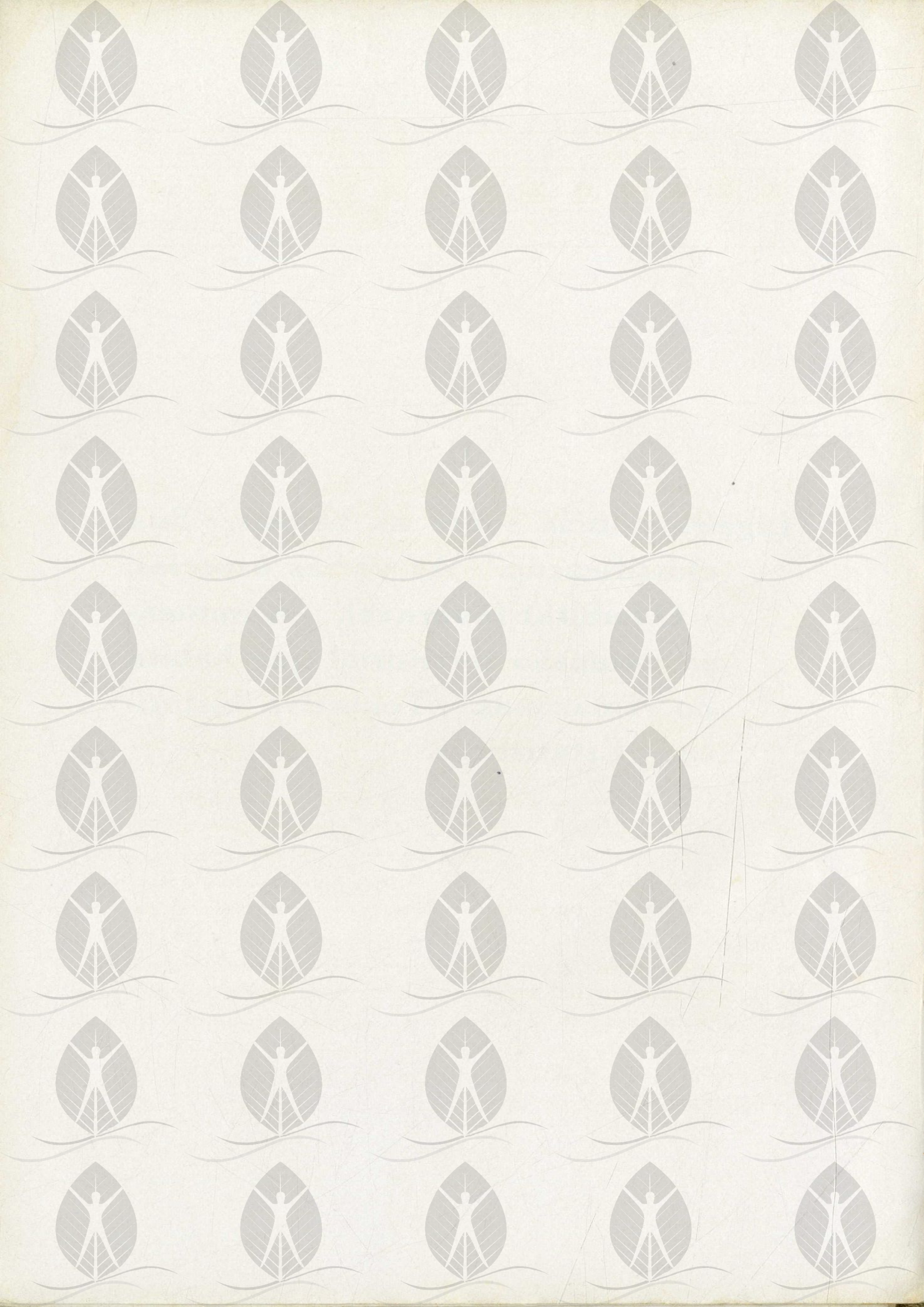
77  
Linha  
de  
ferrô





## II

**Ligeira noticia sobre as heveas.— Sua  
classificação.— As varias especies.  
— O habitat favoravel.— A immen-  
sa extensão territorial que habita  
no Amazonas.— Tentativa histori-  
ca.— Estatisticas.**





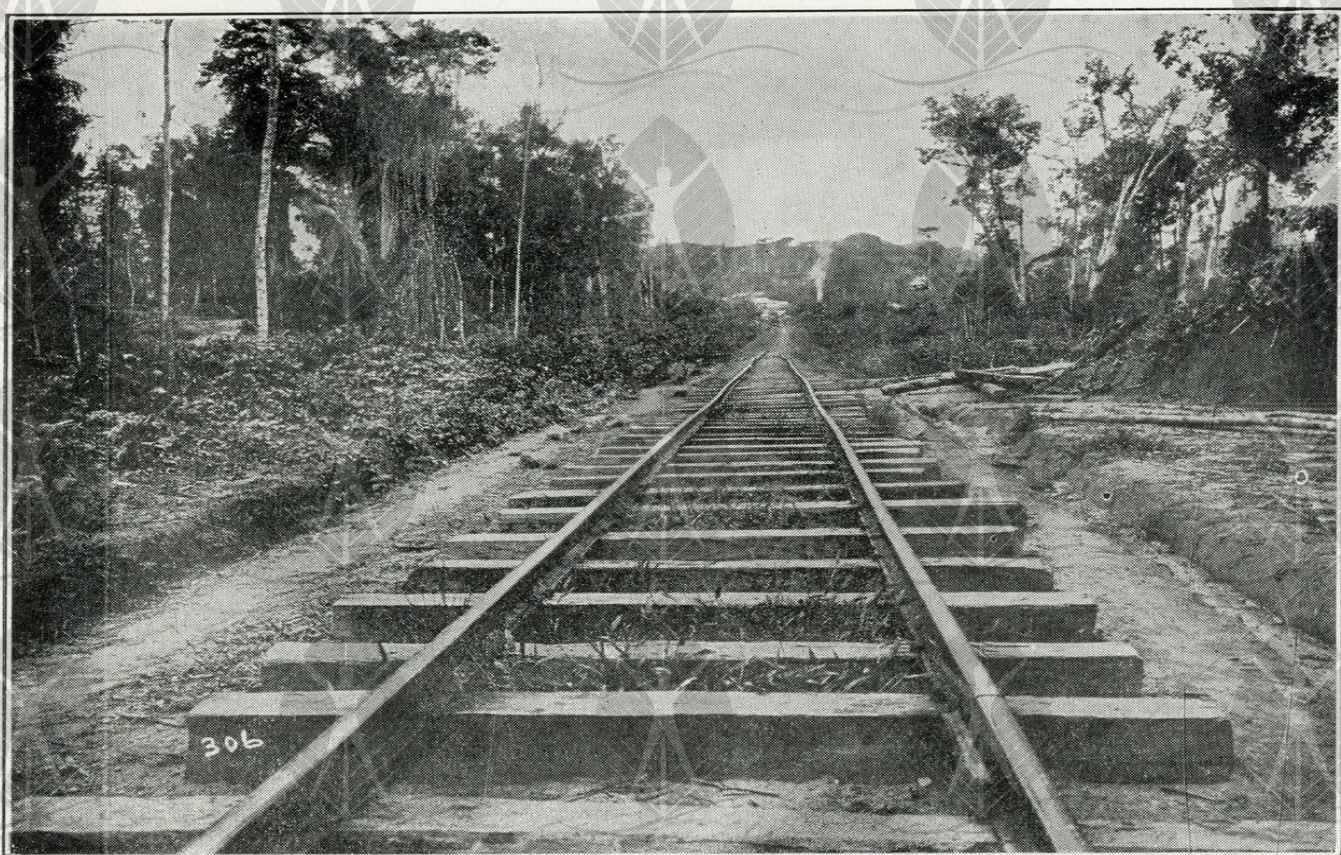


## II

### **Ligeira noticia sobre as heveas.— Sua classificação. — As varias especies.— O habitat favoravel.— A immensa extensão territorial que habita no Amazonas.— Tentativa historica.— Estaticas.**

Escrevia ha dias um collaborador do supplemento domingueiro e illustrado do grande matutino *New-York Tribune*, que se fazia preciso transmittir ao publico algumas indispensaveis noções scientificas sobre assumptos falados diariamente. Propunha-se então elle a dizer alguma cousa sobre aero-planos, uma vez que, embora todos os dias citados nos jornaes, não eram bem conhecidos do publico. Concretisava casos. Um dos aviadores americanos, fazendo um vôo, cahira numa cidade dos Estados Unidos, onde o aeroplano fôra recebido como uma obra diabolica, causando immenso terror. Alem d'isso, nas classes mais instruidas, havia individuos que não acreditavam na possibilidade de uma dessas machinas subir ao dominio dos passaros. Julgavam outros, que o mais pesado do que ar, deixaria a terra sem uma carreira inicial e era contra essa ignorancia popular que se rebellava o auctor do artigo.

Não me parece que o precioso leite da seringueira esteja precisamente nesse caso, mas como o fim deste livro é reunir o que possa interessar sobre o assumpto, enfeichar num volume o trabalho disperso por muitos outros, levarei o leitor a uma ligeira perigrinação pelo



Trecho da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

dominio das *heveas*. A borracha é um elemento primordial nos tempos que correm. Depara-se-a em toda parte, encontra-se-a em todo canto. Examinemol-a, pois.

O estudo que venho fazendo de longa data e a ausencia da maior parte de minha bibliotheca, num quarto de hotel em New-York, muitas vezes não me permittirá a

lealdade de precisar o nome do cientista cuja observação vem emprestar algum valor a este trabalho. Além d'isso, esta obra, apesar de longo tempo reflectida, é executada no curto praso de uma quinzena e interrompida por multiplos outros afazeres.

Creio, porém, desmanchar o proposito ferino de alguma critica mais severa, dizendo, alto e bom som, que não alimento a idéa de originalidade em empreza de tanta monta. Sou um mero repetidor das explorações scientificas dos outros.

O que dizem sciéntistas é que a borracha é um *carbureto de hydrogeno*, solido, existente em granulações brancas no latex de certas plantas. Assim sendo, não é coisa de pasmar a asserção que fazem possuidores de processos para a coagulação da borracha, de tirarem este elemento de outros latex que não o da seringueira.

Podem fazel-o e tanto mais reputada será a seringa quanto maior fôr o numero desses globulos, cuja formula de composição é  $C^4 H^7$ , pois é conhecida a propriedade de adhesão e cohesão que elles offerecem, formando um corpo solido, de larga elasticidade.

Entre o latex vegetal e o leite animal não ha mesmo, em certas occasiões, até notavel differença de composição. E' preciso, porém, accentuar que nem sempre contém borracha.

Entre as centenas de vegetaes portadores da *gomma-elastica*, figuram em primeiro plano as *Seringueiras*.

Indagando da origem desse nome, soube-se que elle foi dado pelos portugueses por figurarem principalmente as seringas entre os artefactos fabricados pelos indios.

Tambem foi dada por portugueses a hoje conhecida denominação de *borracha*, porque entre aquelles trabalhos havia uns vasos para liquidos, semelhantes aos de couro de ovelha, que tinham identico nome e a mesma



Corte "espinha de peixe" usado na Asia

applicação. Do vaso para a materia prima de que elle era feito, não foi preciso muito esforço de adaptação e assim se fez popular o nome applicado á gomma-elastica.

São muitas as especies da familia das Euphorbiaceas que fornecem a borracha, mas pela quantidade, como pela qualidade recommendam-se sobre as outras as especies: *hevea brasiliensis*, *hevea discolor* e *hevea guyanensis*.

As outras, como essas, classificadas por Muller d'Argove na *Flora Brasiliensis*, de Martius, são as seguintes: *hevea spruceana*, *hevea membranacea*, *hevea pauciflora*, *hevea rigidifolia*, *hevea notida*, *hevea benthumiana* e *hevea latea*.

As heveas crescem muito, havendo exemplos de arvores de 33 metros de altura; mas em geral ellas se conservam entre 25 e 30, offerecendo em media uma circumferencia de 1 metro e 50 a 2 metros e 50

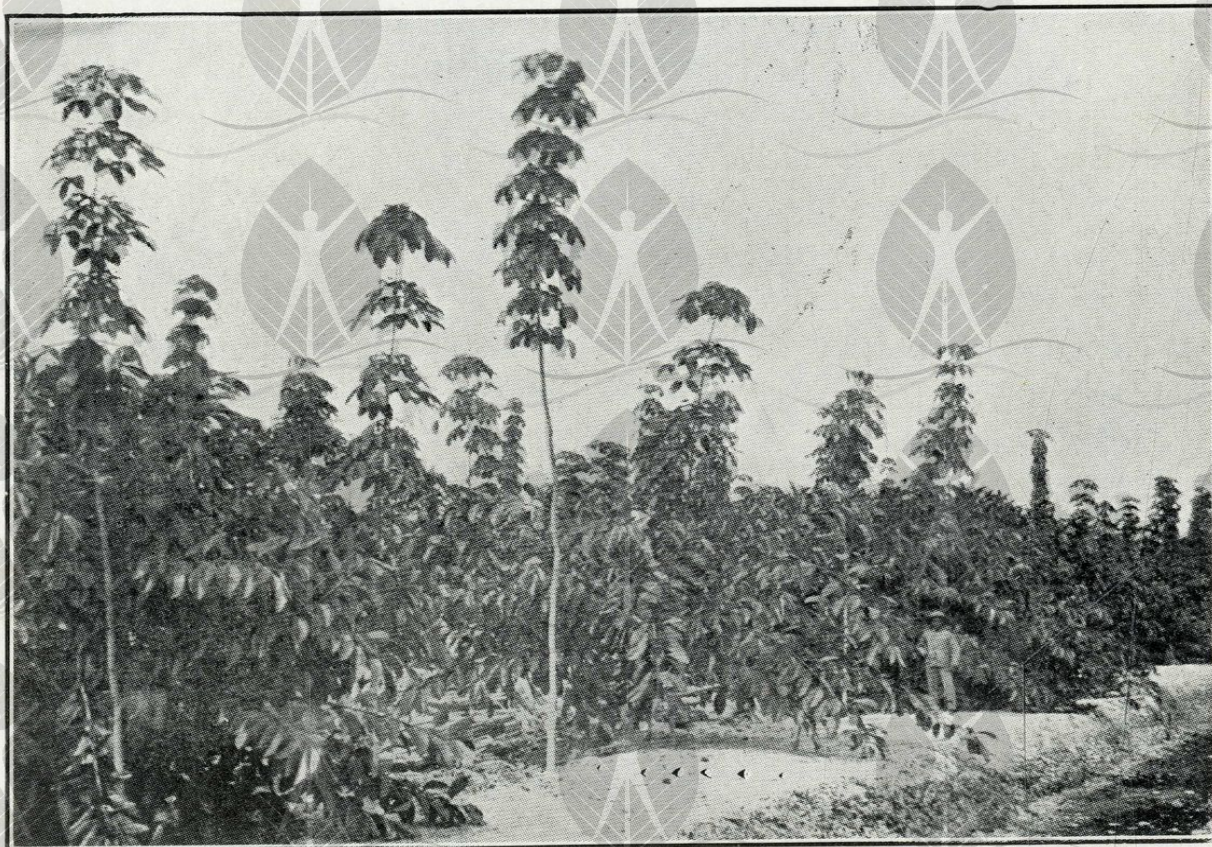
Os autores que se têm occupado do assumpto, costumam calcular a area habitada pelas heveas em um milhão de milhas quadradas, o que dá um territorio quasi egual á metade da Europa. Considerando, porém que em outros locaes onde não appareceram espontaneamente, ellas crescem sem trabalho, assim recebam as sementes da seringueira, parece-me que essa area ainda deve ser bastante augmentada, antes de se poder firmar um calculo preciso.

Ellas preferem para o seu *habitat* uma região baixa, humida e quente, cuja temperatura se mantenha mais ou menos uniforme durante o anno, de 20° a 28°, podendo mesmo elevar-se a 30°. E' assim pelo menos que ellas vivem, primitivamente, em "terrenos de alluvião, profundos, permeaveis e humiferos, annualmente cobertos pelas aguas dos rios que se elevam a grande altura."

Absolutamente isso não quer dizer que não cresçam em terras outras. Conhecemos mesmo exemplo de plan-

tação feita em terras elevadas e nem por isso é menos abundante e valioso o latex que fornecem.

Originariamente, são encontradas na zona torrida, no meio de uma infinidade de plantas valiosas, na razão de uma seringueira para oitenta de outras especies.



**Seringueiras novas. Plantação na Malasia**

Mas aceitam o plantio em sitios que contem com um solo bastante humido e que "contenham boa proporção de argilla."

Já por mais de uma vez me foi perguntado até que altura se podia encontrar o latex, na seringueira. Poderia parecer estranha essa pergunta, se toda a gente pudesse gabar-se de conhecer a arvore. Infelizmente, mui-

## O PROBLEMA DA BORRACHA

tos ha que, interessados no negocio, ainda não tiveram o ensejo de defrontar uma. Para esses é que vae a seguinte informação, archivada aqui: O latex encontra-se na arvore toda, da raiz ás folhas, mas é mais abundante no tronco até á altura de dois metros, pouco mais o menos.



**Uma plantação na Malasia**

Tambem é ponto hoje indiscutivel entre os exploradores mais habilitados que a seringueira não deve ser ferida nem aprofundadamente, nem muito ao alto. Tanto quanto alcance o braço de um homem, é o sufficiente. Levar a colheita alem d'isso, é concorrer para o enfraquecimento da arvore e para a sua morte rápida.

Seria um tentamen bastante melindroso o d'aquelle que pretendesse remontar-se á origens da applicação da borracha. Os nossos indios nunca disputaram a primazia da idéa, porque é possível que lhes não preoccupasse o conhecimento de que no mundo mais povos se dedicavam a egual cultivo. Primeiros ou ultimos, apenas queriam saber, por lhes ser isso de utilidade, dos artefactos em que a applicavam.

E' factó, porém, hoje sabido que em 1735, quando Condamine declarava as propriedades da borracha, já os nossos indigenas preparavam bolas, destinadas a jogo, e vasos de diversas formas. A elles pertence a confecção de sapatos dessa materia prima.

Foram elles os iniciadores da industria que floresceu no Pará até os 1850, de artefactos de borracha, ou de tornar impermeaveis certos objectos.

Entretanto, o conhecimento dessa prodigiosa gomme foi dado ao mundo com o latex da *Ficus elastica* das Indias Orientaes. E até 1820 não se lhe deu outra applicação que não a de apagar traços de lapis.

Como complemento para o historico da borracha, offereço os seguintes dados extrahidos do 1º volume do livro *O Brasil* publicado pelo *Centro Industrial do Brasil*, obra encommendada pelo dr. Lauro Muller, então ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, accrescentando eu os dados que se referem aos annos de 1906 a 1911. Esses algarismos dizem melhor de que palavras quanto ao desenvolvimento que tem tido o commercio da borracha no valle do Amazonas.



**Exportação da borracha seringa do Brasil.  
De 1827—1852**

ANNO	KILOGR.
1827	31 365
1828	50 820
1829	91 020
1830 <sup>(1)</sup>	156.060
1836	189.225
1837	283.920
1838	243 630
1839	391 770
1840	388 260
1841	339.240
1842	270.360
1843	340.215
1844	451.215
1845	561.465
1846	673.725
1847	624.690
1848	901.125
1849	978 360
1850	1.466.550
1851	1 582.050
1852	1 632.930

(1) Faltam os dados relativos aos annos de 1831 a 1835 em consequencia da revolta dos Cabanos.

## Quadro demonstrativo da Exportação da borracha dos Estados do Amazonas e do Pará.

Anno	AMAZONAS	PARÁ
	Kilogramma	Kilogramma
1853 (1)	1.575	2.365.285
1854	33.435	2.682.165
1855	85.695	2.111.250
1856	239.820	1.665.900
1857	212.655	1.596.060
1858 (2)	.....	1.745.310
1859	116.310	2.557.830
1860	208.965	2.463.525
1861	251.655	2.262.975
1862	294.420	3.060.960
1863	550.170	3.484.320
1864	52.290	3.413.565
1865	(3) .....	3.545.850
1866	624.585	4.810.505
1867	870.675	4.956.127
1868	990.030	4.661.225
1869	1.096.275	4.779.411
1870	1.360.575	5.241.051
1871	1.370.807	5.394.587
1872	2.011.137	6.206.395
1873	1.906.587	6.384.779
1874	2.193.196	5.522.444
1875	2.164.324	5.565.663
1876	1.733.238	6.175.920
1877	2.573.395	6.641.980
1878	2.773.862	6.454.716
1879	3.246.935	6.889.482
1880	3.362.396	5.317.009
1881	3.385.517	5.317.007
1882	4.358.914	5.713.605
1883	2.349.135	5.470.304
1884	5.547.971	5.610.029
1885	5.508.784	6.273.216
1886	6.177.053	6.512.947
1887	6.744.114	6.645.886
1888	8.011.432	7.678.568
1889	7.818.700	8.171.300
1890	10.710.813	4.644.187
1891	9.345.539	7.304.461
1892	11.775.843	6.474.157
1893	10.809.488	8.240.512
1894	11.661.379	8.048.621
1895	11.100.115	8.209.885
1896	12.385.768	8.870.232
1897	12.905.346	9.834.654
1898	12.596.603	9.812.397
1899		9.736.000
1900		9.954.000
1901	15.694.041	13.467.403
1902	13.711.061	13.406.639
1903	16.509.677	12.559.057
1904	15.334.044	13.171.212
1905	15.253.029	16.221.766
1906	14.809.547	16.554.620
1907	16.885.203	16.017.611
1908	18.222.502	16.781.707
1909	17.341.203	17.244.015
1910	16.781.180	16.687.397
1911	16.690.199	15.306.132

(1) Foi em 1853 que começou a ser feito o registro da exportação do Amazonas, que fazia parte da antiga provincia do Pará, constituindo a comarca do Rio Negro, e só em 1852 inaugurou-se como provincia distincta desmembrada da do Pará por acto legislativo de 1850.

(2) Não foi encontrado o registro relativo ao Amazonas.

(3) Não houve exportação devido á guerra com o Paraguay.



### III

**Um lance d'olhos pelo estrangeiro. — A  
borracha nas Guyanas e na Asia.  
— O que dizem de nós. — Dados  
estatísticos.**





### III

## **Um lance d'olhos pelo estrangeiro. — A borracha nas Guyanas e na Asia. — O que dizem de nós. — Dados estatísticos.**

E' curioso ver como tanto nos descuidámos do aperfeiçoamento da borracha, quando desde o principio os interessados reclamavam contra as impurezas encontradas no genero que vendiamos por alto preço. Mais curioso do que isso, comtudo, é ver como consentimos que outros se fossem preparando ás nossas vistas, com as armas que forneciamos para o combate a nos ser dado.

Imprevidencia criminosa, ou confiança demasiada nas proprias forças, o certo é que dormimos muito á sombra dos louros colhidos num campo livre de concorrentes.

Sei que se experimentou por algum tempo coagular a borracha por outro processo alem do da defumação, usando *acidos*, mas como o producto foi julgado inferior, não se procurou aperfeiçoal-o.

Por muito favor, modificámos as formas das incisões feitas nas arvores, procurando causar-lhe o menor damno possivel. Assim, depois de experimentados os cortes verticaes (|), em forma de (V), de (W), de cruz de Santo André (X), o de cruz de Malta (+) e o hori-

zontal (—), chegou-se á conclusão que o melhor era o obliquo (/) de poucos centímetros de extensão.

O processo da *espinha de peixe*, consistindo em uma larga e longa incisão vertical de onde se ramificam outras obliquas, para um e outro lado, em uso na Asia, e os golpes em *espiral*, parecem-me igualmente nocivas ás arvores. Pelo menos não aconselharei o uso d'elles a quem não tenha muita pratica.

Em mãos pouco habeis, podem tornar-se tão prejudiciaes como o processo do *arrocho* outr'ora usado pelos nossos indigenas.

Relativamente ao latex, continuámos a coagular-o pela defumação, á maneira primitiva, pouco modificando a forma das *bolas*, ou das *bolachas*.

Era justo que se o seguisse desde que mais facil, conservava todas as principaes qualidades da borracha, mas tambem devia ter-se em vista a *quebra* prejudicial ao comprador, procurando poupar-lhe despeza inutil, de certo pouco agradavel sempre.

Ora, estimando a vantagem do negocio, os lucros que elle podia offerecer, quando tantas eram as applicções dadas á gomma elastica, por outro lado, vendo que não tratavamos de melhoral-o para o consummo dos mercados mundiaes, não foi difficil ao emprehendedor espirito britannico a idéa de plantar a seringueira onde houvesse possibilidade de fazel-a germinar. E' uma idéa do que são essas plantações e do valor d'ellas, que procurarei dar aqui.

Bem perto de nós, na Guyana Ingleza e na Guyana Hollandeza, está medrando com vantagem a *hevea brasiliensis*, ao lado da *Sapium Jenmani*, que é a borracha indigena dessa região. Ainda é diminuta a exportação, mas é muito bem cotada, porque quebra pouco e é boa a sua percentagem de borracha.

Já foi cotada a 4s. 3d. por libra em Londres, pouca diferença fazendo da nossa que a esse tempo era vendida, na mesma praça, por 4s. 3½d.

Tanto futuro offerece o plantio da seringueira que o governo inglez offerece garantias e vantagens a quem d'elle se occupar na Guyana, onde, segundo escriptores que por alli têm andado, a natureza das terras semelha ao *habitat* natural das nosas arvores, sendo que as condições climatericas permitem o cultivo d'ellas. Já 1000 acres estão plantados de *hevea brasiliensis* e 1700 de *Sapium Jenmani*.

Mais adeantados do que as Guyanas acham-se os Estados da Malasia. E' instructivo o historico que fazem da borracha, em um pamphleto publicado em inglez, em Londres, mostrando tambem como se occupam do assumpto, por isso vou traduzil-o para este capitulo:

“A borracha ou caoutchouc era já conhecida dos indios sul-americanos antes da descoberta da America por Colombo.

As cidades ao longo do golfo do Mexico costumavam pagar grandes quantidades de borracha como tributo aos aztecs. Essa era sem duvida a borracha do Panamá conhecida por *Castilloa*; mas depois esses indigenas descobriram a borracha do Pará. Era principalmente usada em bolas, em tubos, garrafas e seringas.

Os invasores espanhoes conheceram-na em 1536 e em seguida os missionarios utilisaram-na em sapatos e em pannos para tornal-os impermeaveis. Em 1736, o naturalista La Condamine deu a primeira noticia da planta e do seu producto, a primeira sob o nome de hévé (de onde *hevea*) e o segundo como Cahuchu (*Caoutchouc*).

A substancia começou a attrahir a attenção de Europa ao fim do 18º seculo, mas pouco adeantamento teve o seu estudo até 1820. Anteriormente, em 1770,

descoberta a applicação para apagar traços de lapis, foi vendida para esse fim, sob a denominação de borracha da India, ao preço de 7s. e 6d. por pollegada cubica.

Em 1820 Thomas Hancock tirou sua primeira patente para o uso do caoutchouc em artigos de vestir. As tiras de borracha usadas eram cortadas dos blocos importados, causando isso extragos. Perseverou porem nas experiencias e inventou a machina conhecida por *Masticator* e tambem a de lavar, de que as actuaes não são mais do que meras modificações. Em 1823, Charles Macintosh, de Glasgow, preparou impermeaveis por um processo seu.

Esse preparo, comtudo, submettido a grande calor ou frio, era destruido. Charles Goodyear descobriu, então, em 1839, que a borracha, combinada com enxofre adquiria aquella propriedade e resistia ás altas e baixas temperaturas. Em 1842, Hancock obteve da America, onde Goodyear trabalhava, alguns pedaços dessa borracha preparada, e depois de experiencias successivas descobriu o processo hoje conhecido por *Vulcanisação*. Esta realmente foi a mais importante descoberta, porque deu á borracha um valor pratico que antes tinha sido impossivel obter.

Desse tempo em deante, os aperfeicoamentos na manufactura e usos da substancia rapidamente cresceram, e a borracha tomou a posição do mais importante e valioso producto do mundo.

E como a procura cresceu, todas as regiões tropicaes foram exploradas para novos supprimentos, e para mais de cem qualidades de plantas foram encontradas que dão borracha de maior ou menor valor. Na America do Sul são as *heveas*, a *Castilloa* (Borracha do Panamá) a borracha do Ceará, Maniçoba e Mangabeira (*Hancornia*); na Africa, *Landolphia* e *Funtumia*; na Asia, *Ficus elas-*



*tica*, a *Willughbeia* e *Urceola* e muitas outras de menor importancia.

Por muitos annos, todo o supprimento de borracha proveiu de plantas selvagens, tirada dos logares onde os indigenas as encontravam. Em muitos casos as arvores ou trepadeiras eram destruidas para colher o leite, tornando assim necessario procural-as em centros cada vez mais afastados. Isto concorreu para que o preço da substancia crescesse pavorosamente, chegando até a não dar lucros em pontos onde a colheita e os preços de transporte eram avultados. Para esse producto alcançar os paises da Europa, partindo da Sul-America, gastava, ás vezes, um anno. Era claro que havia de chegar um tempo em que o custo da borracha se tornaria de tal forma alto, que estaria apenas ao alcance de poucos.

Foi então que o Sr. José Hooker, director dos Jardins de Kew suggeriu ao Governo Inglez a idéa de enviar uma expedição ao Amazonas, *habitat* da mais valiosa das borrachas, *hevea brasiliensis*, afim de obter sementes e plantas para cultivo nas colonias tropicaes inglezas. E em 1873 o Sr. James Collins (depois botanico do governo em Singapura) foi ao Amazonas e obteve algumas centenas de sementes de borracha e na sua volta publicou uma memoria sobre o methodo de colher e preparar o latex. Cerca de uma duzia de plantas vingaram dessas sementes e foram mandadas para Calcutá; mas não encontrando ali clima propicio morreram.

Em 1876, o Sr. Wickham, mandado pelas autoridades de Kew para novamente experimentar, logrou levar 70,00 sementes, de que vingaram cerca de 2800 plantas.

Decidiu-se então utilizar os Jardins Botanicos de Ceylão, em Paradeniya, como um deposito para as arvores; ao mesmo tempo tambem foram mandados alguns pés para os recém-formados jardins de Singapura. Es-

ses pés não chegaram ao destino, mas um segundo lote foi enviado em 1877 e com exito plantado pelo Sr. Murton, que tambem conduziu no mesmo anno alguns a Perak. Algumas dessas arvores existem ainda e uma d'ellas é citada como exemplar dos mais desenvolvidos existentes. Foi dessas poucas arvores e das de Ceylão que surgiu a grande industria da borracha cultivada em todo o mundo. As arvores fructificaram em Singapura, pela primeira vez, em 1881, sendo d'ahi enviadas sementes para Borneos y outros logares e um grande numero plantado em forma de floresta em Singapura.

As arvores de Ceylão augmentaram de numero, devido ao trabalho do Dr. Trimen, director dos Jardins Botanicos de Peradeniya. Foi tambem o Dr. Trimen o primeiro a começar o *corte* das arvores em 1884 e anotar os resultados.

Em 1899 foram enviadas, pelo Sr. Derry, as primeiras folhas de borracha preparada, que venderam na Europa, das arvores plantadas em Perak por Murton e seus descendentes, sendo vendida em Londres ao preço de 7s. 10d. a libra.”

Antes de tudo, o meu fim, transcrevendo essas linhas, é mostrar a pertinacia dos outros em cultivar um vegetal que se mostrou rebelde ás primeiras tentativas; ao passo que nós, com a arvore ao nosso alcance, descuramos o seu trato, porque, procurando menhorar o producto, os primeiros ensaios foram reputados sem valor, ou de valor minimo.

Mesmo assim, o nosso caso não é desolador.

Mas, prosigamos na transcrição:

“A descoberta de extensas areas cobertas de *Landolphia* e *Funtumias* na Africa conservava o preço da borracha mais ou menos baixo. Era, porém, claro que esse supprimento, provindo principalmente de *Landolphia*,

destruidas na occasião de extrahir o latex, não podia ser duradouro e que então o do Amazonas, tambem dando mostras de decrescimento, não seria sufficiente para os pedidos da materia, a se tornarem cada vez maiores. Os fazendeiros da Malasia entregavam-se com todo o ardor ao plantio do café e parecia impossivel entretel-os no plantio da borracha. Apesar d'isso, era plantada onde se fazia possivel, e o necessario feito para o preparo da industria vindoura.

Ao dar-se a queda de preço do café e a subida rapida do custo da borracha, devido ao desenvolvimento da industria dos automoveis, em 1898, foi despertada a attenção dos plantadores para o cultivo da hevea.

Os primeiros plantadores, com propositos commerciaes nos Estados da Malasia, foram os Srs. R. C. M. e D. C. P. Kindersley, e o primeiro nas colonias foi o chinez Tan Chay Yan. Esses senhores começaram em 1895."

D'ahi por deante espalhou-se o cultivo, sendo as mais notaveis areas abertas em Selangor, nas visinhanças de Swettenham. Entre este porto e a capital Kuala Lampur eram grandes as plantações de café, d'um lado e d'outro da estrada de ferro. Pois bém! Em pouco tempo o café desaparecia para dar logar ao vegetal asombroso. E muitos sitios, ainda não pisados por homem civilizado, receberam no seio a semente magica de onde surge a arvore da fortuna. Novas estradas de ferro foram construidas, caminhos outros foram abertos, formando-se cada dia villas e cidades.

Todas as colonias inglezas das regiões tropicaes foram aquinhoadas com exemplares das differentes heveas por nós possuidas.

Experimentam-na francezes e belgas: é um movimento extraordinario em todo o mundo.

Na Malaya, em Ceylão, Java, Sumatra, Borneos, na parte sul da Indo-China franceza, na parte sul das Ilhas Philippinas a plantação se tem feito com mais ou menos vantagem.

Em muitos casos continúa firme ainda a convicção de que essa concorrência tão altamente preconizada em nada nos affectará, pelo menos em annos mais proximos. Outros são de opinião, e nesse grupo encontro brasileiros desapparelhados de qualquer conhecimento pratico do assumpto, que em pouco tempo será o Brasil obrigado a abrir mão dessa fonte de receita por não poder competir com os adversarios que apenas entram no mercado.

Quem analyse calmamente a questão, não se arremimentará neste ou naquelle grupo. A procura da borracha é immensa e a que é exportada pode ainda crescer de muito que o consumo não lhe será inferior. Não ha ainda producção para abarrotar os mercados mundiaes.

A competição com certesa acabará prejudicando-nos em os preços do nosso genero, se não cuidarmos d'elle com o necessario escrupulo. Esses preços têm necessariamente de ficar circumscriptos a limites determinados, sendo mais consideraveis para aquelles productos que offerecerem menos quebras.

Desde a minha chegada em New-York que a nossa borracha têm oscillado entre 1 dollar e 15 centimos e 1 dollar e 6. Nenhuma outra possui as qualidades intrinsecas da nossa, principalmente a do *nerve*, cuja falta tanto se faz sentir na de Ceylão. Ao fabricante, porém, esse artigo não sae por menos de 1 dollar e 35 a 1 dollar e 40, por causa da *quebra* e das impurezas nelle achadas.

A *fine grade of Ceylon* possui consideravel distenção, é secca, de sorte que offerece uma quebra minima de 1½ a 1%. Não dispõe da vitalidade da nossa, como já

ficou dito, mas a industria moderna lhe dá infinitas applicações em que são magnificos e acoroçadores os resultados obtidos.

Na minha visita ao estabelecimento do Sr. Ed. Maurer, New York City, onde tive occasião de ver uma rica collecção de exemplares de borracha de todas as partes do mundo, notei que a amostra de superfina de Ceylão, uma vez golpeada, se podia rompel-a, sem a resistencia que a nossa offerece, como si se tratasse de um papelão consistente. Sem isso, porém, em quanto nova, pode-se estical-a, que ella voltará á forma primitiva.

Conheço tambem, de observação pessoal, que á medida que envelhece, vae perdendo a elasticidade, chegando a assumir, depois de algum tempo, uma feição vitrea, quebradiça. Mas notando-lhe os defeitos, não vámos ao ponto de lhe negar valor e serventia. Alem d'isso, são diarios os progressos que os plantadores fazem na melhoria do artigo.

Basta reparar nos capitaes empregados em plantações de borracha, em varias partes, para ter uma idéa precisa do quanto devemos nos interessar pelo nosso futuro :

Java .....	£ 5.800,000
Sumatra .....	2.000,000
Borneos .....	3.680,000
Ceylão .....	3.760,000
Outros logares .....	13.000,000
Malaya .....	23.644,666
Total.....	£51.884,666

Ese capital distribuido por varias companhias é que sustenta as plantações monumentaes de mais de 360,000 acres na Malaya, mais de 240,000 em Ceylão e outros pontos asiaticos.

## O PROBLEMA DA BORRACHA

A borracha exportada pela Malasia foi a seguinte:

Anno.	Quantidade.	Valor.
1905.....	1,977 lbs.	£ 124,000
1906.....	1.035,601 lbs.	399,000
1907.....	1.998,889 lbs.	785,000
1908.....	3.186,099 lbs.	882,000
1909.....	6.112,023 lbs.	2.340,000
1910.....	12.245,864 lbs.	5.695,000
1911.....	23.914,263 lbs.	5.925,000

A exportação de Ceylão tem sido a seguinte:

Anno.	Tons.	Acres plantados.
1900.....	.....	1,750
1901.....	.....	2,500
1902.....	.....	4,500
1903.....	18,7	7,500
1904.....	34,5	11,000
1905.....	75,2	40,000
1906.....	146,3	100,000
1907.....	248,3	150,000
1908.....	407,2	175,000
1909.....	666,3	180,000
1910.....	1,601,3	184,000
1911.....	3,194	215,000

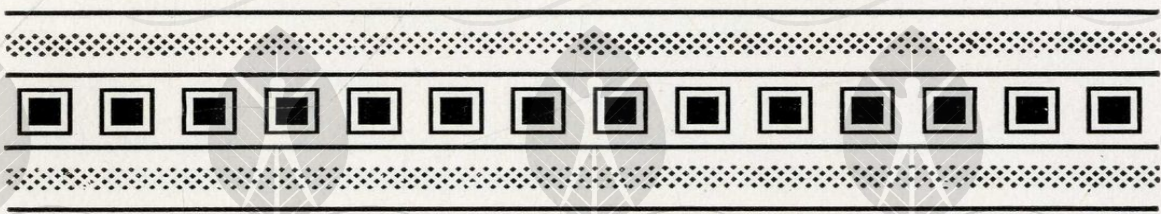


**IV**

**A exposição em New York.—Efeitos  
do certamen.**







IV

**A exposição em New York.—Effeitos do certamen.**

O observador, calmo e preciso nos seus conceitos, lançando um olhar arguto á exposição realisada em New York, em setembro e outubro de 1912, poude ter uma idéa exacta do valor da borracha.

Estou certo que nós mesmos, nascidos no grande centro productor, em geral, apenas sabemos-a um negocio rendoso, mas não percebemos até aonde vae o papel que ella representa, mais do que na Industria, na Civilização Moderna.

A sua utilidade cresceu de ponto a torna-la um genero de primeira necessidade. Mas por isso que tal phenomeno se observa, os homens praticos atiram-se ao commercio indiscutivelmente rendoso, empregando capitães gigantescos, onde quer que a arvore prodigiosa possa medrar.

A concorrência estrangeira é um facto. E agora mesmo sei de um plantio consideravel que se tem feito e se vae fazendo da *hevea brasiliensis* nas Philippinas, com successo, segundo as ultimas informações.

De tudo que ahi fica, nós temos a considerar o seguinte: A nossa borracha, por enquanto, não encontrou competidora em vida. O seu *nerve*, no dizer dos fabricantes, é inexcedivel.

Mas não significa isso que a de Ceylão e a da Malasia sejam borracha de terceira ordem. Devemos, em bem do nosso futuro, deixar de vez essa noção que não está de accordo com a realidade das coisas.

Não é egual certamente á nossa borracha fina, perfeitamente defumada. Mas é superior aos typos menos puros que por incuria nossa enviamos para o estrangeiro consumidor.

Durante os dez dias da exposição, lado a lado, media uma das fabricas a distensão da borracha amazonica e da asiatica. Em Londres esta havia offerecido mais resistencia do que aquella e em New York a nossa não teve vantagens.

Indagado do argumento que eu oppunha a essa prova pratica, repliquei que o exemplar escolhido da parte de Ceylão era o melhor possivel, emquanto que o da Amazonia não era o dos perfeitamente defumados.

— Esse tambem é o nosso juizo, respondeu-me o expositor. Mas nós, fabricantes, pagamos por este exemplar que ahi vê o preço de um de primeira qualidade... E sorriu, procurando occultar, no gesto amavel, o veneno do conceito emittido.

Não é tudo ainda. A *quebra* da gomma elastica enviada do valle do Amazonas é um espantalho; pois uma libra ao preço de 1 dollar e 15 centimos sae para o fabricante aqui por 1 dollar e 40 e ás vezes mais, por causa do decrescimo em peso; isto é, sae-lhe por mais de nove mil reis o Kilo, quando o havia comprado por mais ou menos sete.

Devemos evitar isso em bem dos nossos creditos e prosperidade futura; porque, se é verdade que a borracha estrangeira ainda não é em quantidade bastante para nos causar actuaes pesadellos, dentro de um lustro terá

crescido de muito e não estaremos, então, no mesmo pé em que nos achamos hoje perante o comprador...

Absolutamente não é temor de ameaça vã: E' um aviso prudente, escudado em observação rigorosa.

Fechados na persuasão de que é nosso o typo invencível de borracha, todos os conselhos fóra dessa linha são deixados em terreno inacessível á nossa attenção. A nossa conducta precisa mudar de ora em diante.

Faz-se absolutamente imprescendível que tenhamos o seguinte impresso na nossa memoria: as applicações da qualidade fina são limitadas, emquanto que as dos outros graus são immensamente mais numerosas.

Ora sendo essa uma verdade, que quem tenha percorrido fabricas não poderá negar, manda o bom senso que nós tratemos de melhorar o nosso genero de exportação e de reduzir-lhe o custo do preparo.

A producção asiatica, reunida á das Guyanas, dentro de cinco annos, será de molde a influir no preço da borracha do valle do Amazonas, sendo que os nossos typos secundarios correm o risco de rejeição pelas despesas de sua lavagem.

Tenhamos em vista o seguinte factó: Até 1910 a borracha asiatica não possuia apreciavel valor para as grandes fabricas de pneumaticos para automoveis e bicyclettas.

Visitando, entre outras, a *Plymouth Rubber Co.*, de Boston, Massachusetts, *Firestone Tire and Rubber Co.* e *Goodyear Tire and Rubber Co.*, de Akron, Ohio, notei o que se vae ver: a gomma elastica do valle do Amazonas não é mais do que um condimento. Precisamente isto: um condimento.

Entretanto, anteriormente só o nosso material era o desejado e era acceto. Mas o preço extraordinario obtido por elle em 1910 e que julgamos um beneficio, deu o

resultado querido pela especulação londrina: facilitou a concorrência asiática.

Porque essa especulação? Era natural. Dormíamos o sono profundo dos confiantes numa força que não é propriamente exercitada. E os outros, os fracos de então, submetteram os seus musculos a uma gymnastica racional.

Attrahiram capitaes poderosos cuja defeza importaria em interesse vital para elles, como na realidade inportou.

Ora, se não fossem as grossas sommas empregadas pelos inglezes e americanos nas plantações, a concorrência asiática jamais seria digna de attenção e nota. O contrario infelizmente succede.

Eu bem sei que todo o desejo de espiritos superficiaes, porque não podem medir todo o alcance da situação em que nos encontramos como productores de borracha, é a alta do preço a oito e nove mil reis por kilo. Nada, porém, nos poderia fazer tanto mal como a realização desse desejo, fiquem certos os meus patricios. Já não somos os unicos nos mercados mundiaes e si é certo que o consumo augmenta com a producção, tambem é certo que não podemos dirigir o negocio ao nosso talante.

Havemos de nos sujeitar ás regras do mais forte e este é o capital.

Entretanto, uma vez que possuimos materia prima de valor até hoje não egualado, porque não trataremos de conservar esse privilegio que nos foi dado pela natureza?

Para que as tentativas criminosas de procurar illudir o comprador, quando hoje não ha fabrica que não tenha os seus peritos?

O resultado é o seguinte: ao fazerem preço para o nosso principal genero de exportação, dão immediata-

mente margem para a quebra, margem essa arbitraria que gira entre 15 e 50 por cento.

O mesmo não acontece com a borracha asiatica. Preparada como vem, não lhe esperam quebra maior de 1 por cento, quando quebra isso.

Para se poder aquilatar do futuro que nos preparam se não tratarmos de uma defeza prompta e intelligente do thesouro natural que possuímos, narro aqui este factó:

O Sr. Dr. Cerqueira Pinto expunha ao lado da secção amazonense, em pavilhão especial, magnificos exemplares de borracha e caucho, preparados pelo seu processo chimico. Duas propostas lhe foram feitas, em minha presença, para a compra desse processo, por companhias poderosas com séde nos Estados Unidos.

Uma companhia se propunha a compral-o para ser explorado no Mexico e outra, em Ceylão. Cito ainda como nota digna de interesse o seguinte: Mostrando eu a borracha defumada pelo systema Monteiro da Costa, pediram-me informações mais minuciosas, para, disseram-me, experimentarem e applicarem á borracha da Malasia.

Com isso eu desejo demonstrar que os interesses dos que podem não collidem com os nossos.

A campanha é surda, mas é pertinaz e de seguros resultados, se não nos prepararmos para o golpe que pretendem dar-nos.



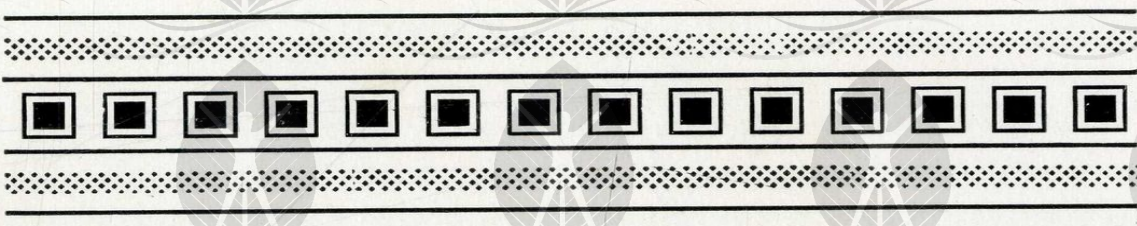


**V**

**As nossas possibilidades. — Conducta  
salvadora.**







V

**As nossas possibilidades.— Conducta salvadora.**

A remoção de taes difficuldades só pode encontrar obstaculo sério na nossa indiferença ou na nossa inercia. Armados de boa vontade e dispostos a desviar o bote que nos ameaça, não me parece que a lucta nos possa affectar de algum modo prejudicial.

O nosso primeiro dever é attrahir o capital estrangeiro para ser applicado em nossa terra. Sou mesmo de opinião que se lhe devem offerecer seguras garantias.

Ceylão e a Malasia se vão desenvolvendo todos os dias ao impulso forte e benefico das grandes empresas estabelecidas. As estradas de ferro são construidas ali todos os dias, os melhoramentos introduzidos que trazem conforto á população.

Para desenvolver o gosto pelo plantio e exploração da borracha, esta sae sem o peso de taxa de qualquer especie. E a que vae pagar agora, tem o fim determinado de formar um fundo de reserva para a criação de hospitaes em que sejam tratados os trabalhadores de plantações. E' um imposto insignificante, ainda assim.

Compare-se agora essa conducta com a nossa. De uma só vez, com uma insaciabilidade que não recommenda o nosso tino administrativo, arrancamos de um genero, porque elle é precioso, mais de 20%, o que é positivamente uma extorção.

Os passos a seguir, a meu ver, são estes: No presente momento, tratar de reduzir tanto quanto possível os excessivos encargos que pesam sobre a borracha, tanto por parte do governo, como por parte das companhias de navegação. Ha necessidade imperiosa de lhe diminuir o custo do preparo.

O da asiatica é approximadamente um shelling. Nós estamos certamente longe d'isso e é bom que procuremos um meio de não ser tão notavel a differença...

Premiar com a ausencia de taxa os typos de borracha disputados como excellentes pelos compradores, sem preferencia de processo, visto que o preparo d'esses é necessariamente mais custoso, no estado actual da colheita da seringa.

Sustentar ou elevar a taxa dos productos inferiores, como incentivo aos espiritos progressistas que se dedicam á cultura do latex da hevea.

Fazer concessões de grandes extensões territoriaes a pessoas idoneas capazes de formar grandes companhias para o plantio de hevea brasiliensis. Essas companhias, necessariamente formadas de capitaes estrangeiros, requerem favores especiaes. Não é nos primeiros annos que essas plantações darão resultados. E' natural que lhes seja permittida a cultura auxiliar, entre outras, de cacau ou de café; a exploração de fibras e de madeiras, de plantas oleaginosas, etc., emfim de qualquer cousa que defenda o dinheiro, emquanto a borracha não pode entrar com o seu contingente.

A nossa flora é riquissima e nós ainda não soubemos aproveitá-la. Alem d'isso, precisamos de braços e as companhias trarão esses braços. Ha trechos que requerem um saneamento rigoroso, e as companhias têm de estabelecer hospitaes.

Nessas condições, pode-se ver que não é qualquer importancia que vae dar para tantos requisitos. São necessarias sommas fabulosas.

Mas qual será a companhia, qual será o capitalista, que deseje, por simples amor ás nossas terras equatoriaes, empregar moeda sonante sem lucros compensadores?

Não é tudo. Negadas essas posses e esses favores no valle do Amazonas, elles vão enconral-os em as Guyanas Ingleza e Hollandeza, e na Asia como na Africa.

E uma vez avolumadas essas riquezas em taes territorios, naturalmente que trabalharão para que sejam mais bem succedidos do que os nossos esforços.

Não! Antes de tudo, devemos fazer que a defeza desses capitaes redunde na defeza de nossos interesses. E para isso manda a boa tactica que attraiamos vantajosamente a posse da fortuna dos que a pretendem empregar na exploração da borracha.

O Governo Brasileiro pensa na fundação de fabricas que utilisem apenas o producto do Brasil. E' patriotico o intuito, mas digno de algumas ponderações.

A fundação de fabricas manufactureiras traz despesas monumentaes. As que percorri, cada uma de por si representa dezenas de milhões de dollars. E a menos que o governo lhes garanta auxilios volumosos, ellas não serão possiveis no nosso Paiz.

Vou mais adeante: Sem a garantia do privilegio de ser unica a explorar a linha manufactureira a que se applique, qualquer companhia não se abalançará a lançar alicerces no Brasil.

E' intuitivo. A concorrencia fatalmente trará demora no reembolso da quantia empregada, que têm de ser consideravel e feita de uma só vez, numa terra em que a mão de obra, pelo menos em começo, será cara.

O nosso papel deve ser antes de productores do que de manufactores.

O Brasil, pela exuberancia do solo, está destinado ao papel grandioso de colleiro do mundo. Pode desviar esse destino, como se desvia um curso d'agua — empregando esforço.

E esse esforço é naturalmente a represa do monopolio garantidor dos interesses da empresa formada para esse fim e que têm de ser guerreada por poderosos competidores. Eu não digo que ella succumba, mas ninguem soffrerá tanto como o productor, cujo trabalho, em ultima analyse, terá de defender interesses mais sagrados porque são os do mais forte...

São meras suggestões de um modesto estudioso que olha firme o futuro de sua Patria. E' possivel que a persistencia no olhar, perturbe-lhe a visão, formando vagas imagens inexistentes. Mas, se de interesse immediato se permittisse a fundação de uma companhia, seria a de uma com o fim de expurgar a borracha de suas impurezas.

Refiro-me a formação de uma empresa no Pará e outra no Amazonas que se incumbisse da lavagem da borracha, com a garantia de certos favores, durante cinco ou dez annos, conforme o capital empregado.

Era não só uma occasião mais de chamar dinheiro, como de privar o comprador do espectáculo, degradante para nós, de sorrir á presença de contrafacções criminosas.

De qualquer forma que se o encare, porém, o essencial é que o problema seja resolvido com toda a prestesa. E procure-se a solução que se julgue salvadora, que nenhuma o é mais prompta nem mais salutar do que esta:— attrahir a attenção de capitalistas estrangeiros. São elles que nos vão fazer guerra. Pois bem! Forçoso é que liguemos o nosso destino á vida desses interesses, de sorte que um não seja possivel sem o outro.



## O PROBLEMA DA BORRACHA

---

Temos terras? Cedamol-as. Querem favores? Facamol-os.

O proveito é d'elles, mas é nosso tambem. Damos o campo, mas elles trazem o dinheiro e o trabalho. E disso, que é movimento, depende a vida e o progresso dos provos.

A existencia dos grandes seringaes inexplorados, não se pense que vae soffrer por isso. E' uma reserva que ahi fica, para os tempos em que os meios de transporte tenham facilitado, de modo absoluto, a colheita do latex.

Por emquanto, preciso é que tratemos do que ha, diminuindo-lhe o preço do custo, e do futuro proximo, facilitando a existencia da borracha em logares promptamente accessiveis.

Da exacta observancia dessas necessidades, depende toda a prosperidade do nosso futuro, que é o mais promettedor possivel. Depende unicamente dos homens de boa vontade.

FIM.

Impresso  
na  
YORK PRINTING CO.  
108 PARK ROW, NEW YORK

A impressão deste trabalho terminou no dia 2 de Novembro  
do anno de 1912.







## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA